

Unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara - SP

MIRIAN SINHORELLI

OFICINAS PEDAGÓGICAS: Um instrumento de expressão da sexualidade de jovens com Síndrome de Down



ARARAQUARA – SP
2020

MIRIAN SINHORELLI

OFICINAS PEDAGÓGICAS: Um instrumento de expressão da sexualidade de jovens com Síndrome de Down

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Sexual. Exemplar apresentado para exame de defesa.

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Orientadora: Profa. Dra. Fátima Elizabeth Denari

ARARAQUARA – SP
2020

Sinhorelli, Mirian
OFICINAS PEDAGÓGICAS: Um instrumento de expressão
da sexualidade de jovens com Síndrome de Down /
Mirian Sinhorelli - 2020
91 f.

- Universidade Estadual Paulista "Júlio de
Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras
(Campus Araraquara)
Orientador: Fátima Elizabeth Denari

1. Educação Sexual. 2. Sexualidade. 3. Síndrome de
Down. 4. Afeto. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MIRIAN SINHORELLI

OFICINAS PEDAGÓGICAS: Um instrumento de expressão da sexualidade de jovens com Síndrome de Down

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação Sexual. Exemplar apresentado para exame de defesa.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento, sexualidade e diversidade na formação de professores

Orientador: Profa. Dra. Fátima Elizabeth Denari

Data da defesa: 28/02/2020

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientadora: Profa. Dra. Fátima Elisabeth Denari

Universidade Federal de São Carlos/UFSCAR/São Carlos

Membro Titular: Profa. Dra. Andreza Marques de Castro Leão

Universidade Estadual Paulista/UNESP/ – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara

Membro Titular: Profa. Dra. Maria da Piedade Resende da Costa

Universidade Federal de São Carlos/UFSCAR/São Carlos

Local: Universidade Estadual Paulista

Faculdade de Ciências e Letras UNESP Campus de Araraquara

Dedico esta pesquisa a todos os participantes.

Meus grandes incentivadores.

AGRADECIMENTOS

Considerando talvez, os agradecimentos uma das partes mais difíceis de todo a trajetória desta pesquisa, pois transformar em palavras o sentimento de gratidão, é de qualquer forma uma tarefa de ampla complexidade visto o tamanho do amor envolvido e a necessidade de agradecer a tantas pessoas que participaram de cada detalhe, desde o princípio.

Nada mais prazeroso do que mencionar, dedicar e falar com a voz do coração com os mais sinceros agradecimentos a quem não mediu esforços para que toda essa pesquisa fosse concluída.

Primeiramente a Deus, por me guiar e, abençoar e me dar força em todos os momentos deste intenso estudo.

Ao meu amado filho Giovanni, por ser a energia que me move a todo instante, minha fonte de amor e inspiração, que dentre todas as adversidades da vida, você reflete luz de esperança que me traz leveza aos dias difíceis. A minha vida sempre será por você.

Aos meus queridos pais, Jorge e Ana pela paciência, amor e por toda educação concedida a mim fazendo com que todo esse processo fosse possível desde o início da minha caminhada.

Ao meu marido Eduardo, pela paciência, amor, compreensão, cumplicidade e companheirismo, sempre me ouvindo, apoiando e incentivando a seguir em frente, me ajudou a realizar esta pesquisa com prazer e tranquilidade. Obrigada por acreditar sempre em minha capacidade.

Agradeço a meus irmãos em especial minha querida irmã, Aline minha inspiração pessoal e profissional. Mulher, professora, que arca lindamente com todas as funções que a vida lhe ofereceu. Obrigada por todo o apoio, pela presença mesmo que distante, até mesmo quando eu já não mais acreditava que conseguiria chegar até onde cheguei.

Gratidão a minha amada sobrinha, Maria Laura que me inspira a ser melhor e a buscar

o melhor sempre sorrindo. É uma alegria imensa compartilhar a minha vida com você.

Agradeço a minha avó Maria, meus sogros e minha nora Ana, que estiveram presente em todo o processo, todos os dias, como forma de luz, obrigada pelas boas energias emanadas e por entenderem a minha ausência.

Ao meu querido amigo Rodrigo, por me apoiar e ser meu grande incentivador. Obrigada por permitir que eu caminhasse e cumprisse com todas as obrigações necessárias do mestrado: disciplinas, congressos, qualificação, cursos, quanta empatia e sensibilidade de sua parte. Gratidão pelas felicitações em cada conquista. Você é especial! Nosso companheirismo, amizade e cumplicidade nos tornaram mais fortes e unidos.

Quero deixar aqui registrado meu mais sincero e profundo agradecimento a banca de professores da qualificação e da defesa: Prof^a. Dr^a. Andreza e Prof^a. Dr^a. Lucy e Prof^a. Dr^a Maria da Piedade, que com cuidado e sensibilidade ofereceram enriquecedoras contribuições para a conclusão desta pesquisa. Gratidão Eterna.

À professora Dra. Fátima E. Denari, pela orientação valiosa ao longo desta pesquisa; pela dedicação, incentivo e presença constante durante todo o mestrado.

Agradeço a minha querida e amada orientadora, Prof^a. Dr^a. Fátima. Trabalhar ao seu lado foi um privilégio. Quanto conhecimento e quantos ensinamentos. É imensurável o tamanho do meu carinho e gratidão por você. Uma profissional competente, íntegra e acima de tudo, amiga. Exemplo a ser seguido. Obrigada por tudo.

À UNESP- Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara pela oportunidade, comprometimento em tudo que lhes foram propostos.

A todos os amigos do mestrado: Kelia, João, Robertona, Mahal, Maiara, Carol, Luiz Fernando, em especial a Maria Fernanda que com paciência e companheirismo, fez dessa trajetória rica, leve e divertida. Quantos momentos especiais, quantas trocas, encontros e desabafos.

Aos meus amigos de profissão, Fábio, Litamara, Manoel, Eliete, Léo e Fran pela paciência, apoio e compreensão.

Aos professores da Pós-Graduação em Educação Sexual, pelas aulas incríveis, por tanto conhecimento transmitido e por pelo acolhimento desde o processo seletivo. Minha eterna gratidão ao Professor Dr. Paulo Renees Marçal Ribeiro. Obrigada por todo o amor e carinho.

Enfim, a todos que fizeram parte deste caminhar, fazendo-me refletir, criticando, opinando, estando disponíveis sempre que precisei e contribuindo para a concretização desta dissertação.

Muito obrigada!

“Quando perdemos o direito de ser diferentes,
perdemos o privilégio de ser livres”

Charles Evans Hughes

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as expressões e percepções de jovens com Síndrome de Down a respeito do afeto e da própria sexualidade. A metodologia abordada priorizou a escuta de adolescentes, tendo o afeto, sexualidade, a deficiência e a deficiência como categorias principais de análise, configurando-se como uma pesquisa qualitativa fundamentada na abordagem descritiva. Para tanto, foram realizadas três oficinas, com quatro jovens que apresentavam Síndrome de Down entre 18 e 22 anos. Os participantes frequentam o Centro de Atendimento Especializado Exclusivo, interior de São Paulo. Além da discussão, recorreu-se na confecção de desenhos e imagens em temas cotidianos, contemplando aspectos decorrentes da expressão não-verbal. A análise dos dados demonstrou a existência de uma educação sexual repressora para alguns jovens, apesar da faixa etária e constituição biológica lhes conferirem condições. Porém, a presente pesquisa apontou que muitos veem sua sexualidade de maneira positiva. Constatou-se, assim, os valores e as atitudes relacionadas ao afeto e a sexualidade podem ser transmitidos e assimilados pelas pessoas com Síndrome de Down, que favorece o aprendizado em comportamentos partilhados, tornando-os socialmente aceitos no contexto que fazem parte. Conclui-se que a limitação cognitiva, quando leve ou moderada, não impede a realização na inserção de programas referentes à educação sexual, demonstra prioridade, entendendo que a sexualidade é dimensão presente durante todo desenvolvimento humano, independente da condição cognitiva que a pessoa apresente. Destaca-se a importância de discussões que considerem a inclusão escolar de modo a favorecer a adequação de condutas relacionadas ao afeto e a sexualidade das pessoas com deficiência.

Palavras-chave: Educação Sexual. Sexualidade. Síndrome de Down. Afeto.

ABSTRACT

This research aims to analyze the expressions and perceptions of young people with Down Syndrome regarding affection and sexuality itself. The approached methodology prioritized listening to adolescents, with affection, sexuality, disability and handicap as main categories of analysis, configuring itself as a qualitative research based on the descriptive approach. To this end, three workshops were held, with four young people who had Down Syndrome between 18 and 22 years old. Participants attend the Exclusive Specialized Service Center, in the interior of São Paulo. In addition to the discussion, we made use of drawings and images in everyday themes, contemplating aspects arising from non-verbal expression. The analysis of the data demonstrated the existence of a repressive sex education for some young people, despite the age group and biological constitution giving them conditions. However, the present research showed that many see their sexuality in a positive way. Thus, it was found that the values and attitudes related to affection and sexuality can be transmitted and assimilated by people with Down Syndrome, which favors learning in shared behaviors, making them socially accepted in the context they are part of. It is concluded that the cognitive limitation, when mild or moderate, does not prevent the realization of the insertion of programs related to sexual education, demonstrates priority, understanding that sexuality is present dimension during all human development, regardless of the cognitive condition that the person presents. We highlight the importance of discussions that consider school inclusion in order to favor the adequacy of behaviors related to the affection and sexuality of people with disabilities.

Keywords: Sexual Education. Sexuality. Down syndrome. Affection.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACOES

ADI	Ajudante de Desenvolvimento Infantil
ABPEE	Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial
AEE	Atendimento Educacional Especializado
CIF	Classificação Internacional de Funcionalidade
DI	Deficincia Intelectual
EE	Educação Especial
LBI	Lei Brasileira de Inclusão
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MEC	Ministrio da Educação e Cultura
OMS	Organização Mundial da Sade
PcD	Pessoa com Deficincia
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
RBEE	Revista Brasileira de Educação Especial
REE	Revista de Educação Especial
RS	Rio Grande do Sul
SD	Síndrome de Down
SciELO	Scientific Electronic Library Online
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNESP	Universidade Estadual Paulista
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Bases de dados da RBEE /ABPEE.....	23
Quadro 2 - Bases de dados da REE/ UFSM.....	24

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Dados gerais dos participantes das oficinas.....	49
Tabela 2 - Dados gerais das oficinas.....	53

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação do tema por Mariana.....	56
Figura 2 - Representação do tema por Jordana.....	57
Figura 3 - Representação do tema por Gabriel.....	58
Figura 4 - Representação do tema por Edilson.....	59
Figura 5 - Representação do tema por Mariana.....	61
Figura 6 - Representação do tema por Jordana.....	62
Figura 7 - Representação do tema por Gabriel.....	63
Figura 8 - Representação do tema por Gabriel.....	64
Figura 9 - Representação do tema por Mariana.....	66
Figura 10 - Representação do tema por Jordana.....	67
Figura 11 - Representação do tema por Gabriel.....	68
Figura 12 - Representação do tema por Edilson.....	69

SUMÁRIO

	APRESENTAÇÃO	16
1	INTRODUÇÃO	19
	OBJETIVOS	28
2	REVISÃO DE LITERATURA	29
2.1	SÍNDROME DE DOWN	29
2.2	DEFICIÊNCIA, PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA.	33
2.3	DEFICIÊNCIA E SEXUALIDADE	37
2.4	DEFICIÊNCIA E EDUCAÇÃO SEXUAL	42
3	MÉTODO	46
3.1	REALIZAÇÃO DA PESQUISA	48
3.2	PARTICIPANTES	48
3.3	PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS	49
3.4	REALIZAÇÃO DAS OFICINAS	50
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	54
4.1	APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO	54
4.1.1	Primeira oficina	54
4.1.2	Segunda oficina	59
4.1.3	Terceira oficina	65
4.2	PERCEPÇÕES SISTEMATIZADAS DAS OFICINAS	70
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS	74
	ANEXO	85
	ANEXO A Resumos dos artigos introdutórios	86

APRESENTAÇÃO

Sou Mirian Sinhorelli, licenciada em Pedagogia e Ciências Biológicas pela Faculdade São Luis de Jaboticabal. Iniciei meus estudos universitários aos 32 anos de idade, devido à falta de oportunidades. Casei-me com 20 anos e logo tive meu filho, vindo de um casamento repressivo e opressor, durante o qual não consegui seguir com os estudos. Após 12 anos de casamento, consegui a separação e a partir desse momento voltei a estudar, conquistei uma bolsa de estudos para o curso de Ciências Biológicas e, desde então, não parei mais. Hoje, com ajuda primeiramente de Deus, depois de meus familiares e alguns amigos, estou diante de um curso de mestrado. Um sonho a ser realizado aos 43 anos.

No ano de 2017 tive a oportunidade de estudar como aluna especial no curso de Pós-Graduação em Educação Sexual na UNESP Araraquara, e ali fui instada a dar continuidade aos estudos por meio das aulas produtivas, com professores altamente qualificados e dedicados, que participaram do “meu momento”.

Em 2017, ano em que tudo aconteceu, pois foi quando realizei o processo seletivo do mestrado em Educação Sexual e, graças a Deus, eu passei. Recordo-me da sensação, pois foi mais uma conquista em minha vida. Depois de tanto sofrer sem poder estudar, me senti no ápice de toda minha história.

Já inserida no mestrado, tive o intento de pesquisar acerca das expressões de afeto e sexualidade de jovens com Síndrome de Down, com a escolha da conceituada prof. Dra. Fátima E. Denari, para orientação neste complexo caminho, pois já conhecia seu trabalho e potencial para que com o auxílio dela pudesse trabalhar com esta temática tão rica e específica.

De fato, as inquietações neste tema levaram-me a desenvolver esta pesquisa, com um grupo de jovens com Síndrome de Down residentes em uma cidade de pequeno porte do interior do Estado de São Paulo. Tal escolha deu-se em decorrência por trabalhar a quase três anos

como pedagoga passando a ter contato maior com essas pessoas, motivada pela busca de aquisição de conhecimentos e meios para lidar com situações da vida cotidiana, como por exemplo, a de compreender a sexualidade e o afeto desses jovens. Vale pontuar que os jovens inseridos nesta pesquisa foram escolhidos por fazerem parte de um mesmo grupo de amigos.

Com o início do curso, cheia de perspectivas, mas também com faltas ao trabalho, dias corridos de leituras e escritas, ser mãe, dona de casa, esposa, filha e professora, o que tenho a dizer é que eu consegui.

No final de 2018 teve início a pesquisa significando um momento cauteloso e repleto de preocupações para que tudo corresse conforme o esperado. Anotações feitas, tudo certo para o desenvolvimento da pesquisa e por uma condição do destino, meu filho adoeceu.

Exatamente em 18 de dezembro de 2018, quando o resultado de um exame realizado no mês anterior chegou. Não era simplesmente um problema de a ser remediado, mas sim, algo que iria acometer a vida dele gravemente, suspeita de uma doença rara, autoimune e que ainda pouco consta em literatura científica de área médica. Meu mundo virou de ponta cabeça e, junto às preocupações, medos e uma angústia profunda que me fez parar a vida por seis meses, em uma fase de investigação e muitos exames. Meus estudos mais uma vez ficaram em último plano. A todo momento pensei em desistir, entrando num estado crítico emocional, mas agradeço a Deus que o último resultado em 25 de setembro de 2019, mostrou que não consistia em um problema tão grave de saúde, mas algo que tinha controle e era remediável.

Gratidão, palavra tão simples, mas com significado muito especial. Agradeço a Deus pela saúde do meu filho e aos anjos que Deus colocou em minha vida, para que eu pudesse seguir, dando-me força, carinho e muita compreensão. Anjos esses, que levarei para sempre: Professora Fátima, Professora Andreza e a Professora Lucy e, ao Professor Paulo, a quem tenho muita estima e eterna gratidão.

“Eu sobrevivi”, palavras de fortalecimento da querida professora Andreza.

Retomando aos estudos, comecei a transcrever a pesquisa que ocorreu de maneira sutil e prazerosa. O Mestrado foi de grande importância em minha vida acadêmica e profissional, pois possibilitou a construção de muitos conhecimentos, além de ampliar minha visão sobre a Educação e sobre a pesquisa científica.

Nas páginas a seguir, os leitores terão um pouco do que foram estes dois anos e meio de mestrado, com estudos e pesquisas, sempre pensando nas pessoas com deficiência. A relevância e a atualidade do tema justificam a realização desta pesquisa, para que possa provocar interesse e venha auxiliar em estudos futuros, pensando na melhoria da qualidade de vida das pessoas com deficiências e, especialmente para aquelas com Síndrome de Down.

1 INTRODUÇÃO

A realização desta pesquisa teve como elemento motivador a percepção da dificuldade na abordagem de temas como sexualidade e afeto que envolve a vivência de pessoas com deficiência. Essa dificuldade geralmente está ligada a estereótipos e estigmas sobre a sexualidade dessas pessoas, entendidas por grande parte da sociedade como inexistentes.

Ao iniciar a pesquisa que procura relatar a expressão da sexualidade e afeto de jovens com Síndrome de Down, buscamos uma proposta para pensar na sexualidade destes jovens sob um vértice mais afetivo, despretensioso e desafiador na construção de uma postura aberta à criatividade e a interlocução.

No contexto da sexualidade, tema cercado de mitos e tabus, é preciso compreender que cada pessoa apresenta seu próprio modo de expressar-se e, também, uma distinção quando se trata da vida sexual (Souza, Denari & Costa, 2017). Neste sentido, falarmos sobre a sexualidade das pessoas com deficiência, evoca um tema sujeito a rótulos, de forma que essas pessoas são vistas como assexuadas ou, até mesmo, desprovidas de qualquer desejo amoroso (Maia, 2011), ou ainda, tidas como exacerbadas em sua expressão sexual (Denari, 1997).

Pesquisas que retratam aspectos da sexualidade de pessoas com deficiências estão, ainda que timidamente tendo presença no meio acadêmico, mas, provocando mudanças nas perspectivas de abordagens em relação à sexualidade. Entretanto, quando o assunto sexualidade da pessoa com deficiência é abordada, de forma generalizada, ainda é visto como anormal pela família, pela instituição e pela sociedade de modo geral (Denari, 2005).

A sexualidade da pessoa com deficiência é inegável, uma vez que é uma característica humana, inerente a qualquer pessoa, mesmo que o grau de desempenho intelectual influencie em sua capacidade de manifestação e vivência dos vínculos afetivos e sexuais, a dificuldade maior da pessoa com deficiência intelectual não está em sua condição biológica ou nos déficits

intelectuais; mas sim, nas dificuldades em que o meio social tem lidado com as manifestações e com a sua educação sexual (Denari, 2002; Maia & Camossa 2003).

Durante as décadas de 1970 e 1980 poucos foram os trabalhos (pesquisas, artigos, livros) no Brasil, voltados ao estudo da sexualidade de pessoas com deficiências.

Em sua maioria, estes trabalhos abordavam opiniões de profissionais tais como, médicos e assistentes sociais, que amparados pelos conhecimentos disponíveis sobre deficiência, ousavam expressar-se, comentando e/ou indicando normas de conduta para pais e professores de pessoas com deficiência (Assumpção Fb Jr. & Sprovieri, 1991).

Em meados da década de 1990, surgem as primeiras pesquisas no Brasil, abordando a temática da sexualidade e deficiência, a partir da própria pessoa, ou seja, a pessoa com deficiência começa a falar sobre si (Dall’Alba, 1992; França Ribeiro, 1995; Ribas, 1997; Denari, 1997; Puhlman, 2000; entre outros).

Portanto, qualitativamente, a sexualidade da pessoa com deficiência começa a despontar no cenário científico, ainda que, sob um certo olhar de “problema”!

Ainda de acordo com Denari (2018) atualmente, as pessoas com deficiências vêm conquistando mais visibilidade, prevalecendo de certo modo, um panorama que necessita de melhorias nas nuances, como: são pessoas diferentes como as demais e por esta mesma razão, precisam de olhares também diferentes.

A visão estereotipada da pessoa com deficiência em relação à expressão de sua sexualidade está diretamente ligada a preconceitos sobre as relações de afeto e sexo, razão pela qual a sociedade reconhece e entende as diferenças sobre padrões de normalidade e padrões comportamentais, que são definidos habitualmente por regras e ações (Maia & Ribeiro, 2010).

Estes padrões constroem e definem noções de vida e de sexualidade feliz e plena, colocando em desvantagem pessoas consideradas “diferentes”, como por exemplo, as com Síndrome de Down (SD), que são equivocadamente excluídas destes padrões normativos, uma

vez que não são aceitas por comportamentos socialmente inadequados (Goffman, 1988; Maia & Ribeiro, 2010).

Historicamente as pessoas com SD são considerados como tendo características comportamentais e intelectuais peculiares e até por alguns pais como uma inocência, inclusive em relação à sexualidade, ou seja, eternas crianças (Faria, 2014).

A capacidade de manifestar e sentir o afeto constitui um sentido básico da sexualidade. Manifestações de atração, ternura e admiração expressam afeto e amor, revelando a natureza da pessoa como ser sexuado, contudo a pessoa com algum tipo de deficiência encontra-se em desvantagem, sendo frequentemente, estigmatizada quanto à sexualidade (Franco, 2012).

Nesse sentido, embora existam tentativas de modificações das ações daqueles que apresentam algum tipo de deficiência, mantem-se entre famílias e profissionais no meio social, o vínculo entre a sexualidade, a deficiência e problema. Essa tríade, ponto de partida desta pesquisa, considerando uma melhor compreensão de quem é cada pessoa/jovem participante, por meio da singularidade de cada um (Almeida, 2008).

Para Aranha e Maia (2005) na singularidade o jovem com deficiência, independentemente das limitações que possa apresentar, há a necessidade de beneficiar-se de uma boa interação social, tanto em contexto escolar como familiar, estabelecendo vínculos afetivos semelhantes aos jovens sem deficiência. É na adolescência que os jovens com deficiência por meio do processo de socialização despertam em si o desejo e o interesse de estabelecerem relações afetivas e sexuais.

Julgou-se necessário na presente pesquisa, a realização de um levantamento bibliográfico por artigos em dois periódicos que tratam exclusivamente da Sexualidade e Síndrome de Down, sendo esses artigos da Revista Brasileira de Educação Especial (RBEE), publicada pela Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial (ABPEE) e Revista Educação Especial (REE), publicada pela Universidade Federal de Santa Maria/RS

(UFSM).

Tal escolha justifica-se por serem dois periódicos que mais representam nas produções em Educação Especial no Brasil, referenciado por descritores que estão diretamente ligados ao tema central desta dissertação. As publicações pesquisadas foram publicadas entre os anos de 2002 a 2018.

Os resultados desse levantamento e o número de publicações encontradas de acordo com os seguintes descritores são: Sexualidade; Deficiência Mental; adolescência; Síndrome de Down; Percepção; Comportamento amoroso; Educação Especial; Adolescente; Abuso sexual; Deficiência intelectual; Educação à Distância; Formação de Professores; Orientação sexual; Representações Sociais, Concepções de Professores; Formação de professores; Representação cultural e Estereótipo.

Na Revista Brasileira de Educação Especial RBEE/Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial – ABPEE, que a partir de 2005, a revista foi avaliada e incorporada a Scientific Electronic Library Online - SciELO, que apresenta os números mais recentes das publicações, e dentre essas, foram encontrados um total de 62 publicações, sendo duas apresentavam duplicidade, que foram selecionadas cinco publicações das que mais se aproximavam ao tema desta dissertação.

Na REE/UFSM, foram encontrados 22 publicações que se referem ao tema desta dissertação, e uma dessas publicações estava em duplicidade ao modificar a palavra-chave, na qual restaram 21, que foram selecionadas quatro publicações que mais se relacionavam ao tema desta pesquisa, apresentados nos quadros a seguir:

Quadro 1.

Bases de dados da RBEE/ABPEE.

RBEE	ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO	PALAVRA CHAVE
v. 8 n. 1	2002	DENARI, Fátima Elisabeth	Sexualidade & Deficiência Mental: Reflexões sobre conceitos	Resenha	Sexualidade; deficiência mental; adolescência.
V. 37 Nº 1 p. 53- 62	2003	CASTELÃO, Talita Borges; SCHIAVO, Márcio Ruiz Schiavo; JURBEG, Pedro	Sexualidade da pessoa com síndrome de Down	Dissertação Mestrado	Síndrome de Down. Sexualidade. Percepção.
v. 13 n. 2 p. 219- 238	2007	LUIZ, Elaine Cristina; KUBO, Olga Mitsue	Percepções de Jovens Com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente	Dissertação Mestrado	Comportamento amoroso; sexualidade; Síndrome de Down; educação especial.
v. 10 n. 2 p. 389- 397	2012	LITTIG, Patrícia Mattos Caldeira Brant; CARDIA, Daphne Rajab; REIS, Luciana Bicalho e FERRAO, Erika da Silva.	Sexualidade na deficiência intelectual: uma análise das percepções de mães de adolescentes especiais.	Artigo (Relato de pesquisa)	Deficiência mental; Adolescente; Sexualidade; Abuso sexual.
v. 32 n. 3 p. 427- 435	2015	MAIA; REIS- YAMAUTI; SCHIAVO; CAPELLINI & VALLE	Opinião de professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual.	Artigo (Relato de pesquisa)	Deficiência intelectual; Educação à distância; Formação de professores; Sexualidade.

Fonte: Criado pela pesquisadora

Quadro 2.

Bases de dados da REE/ UFSM

REE	ANO	AUTOR	TÍTULO	TIPO	PALAVRA CHAVE
v. 23 n. 36 p. 65	2010	SANTOS, Myrna Wolf Brachmann dos OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento	Saber e prática na constituição da sexualidade da pessoa com deficiência mental	Projeto Pesquisa	Sexualidade. Pessoa com deficiência mental. Orientação sexual.
v. 2 n. 1 p. 73-78	2016	TEODORO, Gleiciane; INÁCIA, Jéssica	Representações sociais acerca da sexualidade de pessoas com síndrome de Down	Anais	Síndrome de Down, sexualidade, representações sociais,
v. 30 n. 59 p. 669- 680	2017	MAIA, Ana Claudia Bortolozzi, VILAÇA Teresa	Concepções de professores sobre a sexualidade de alunos e a sua formação em educação inclusiva	Livre docência	Concepções de professores; Educação sexual; Deficiência intelectual; Formação de professores.
v. 31 n. 60 p. 215- 228	2018	OLIVEIRA, Ana Flávia Teodoro de Mendonça; ARAUJO, Clarissa Martins de	“Mamãe é down”: a sexualidade da pessoa com deficiência na trama discursiva da Revista Época	Periódico	Deficiência; Representação cultural; Estereótipo.

Fonte: Criado pela pesquisadora

Primeiramente, salienta-se que os artigos sobre deficiência, sexualidade e Síndrome de Down são escassos nestes dois periódicos destinados à Educação Especial no Brasil. Muito destes artigos tem como foco a família e a escola emitindo entendimentos, opiniões, elaborando condutas para as pessoas com deficiência sobre a sua sexualidade. São mais raros, ainda, artigos que relatem a opinião da própria pessoa se expressando, declarando como vivencia, quer a adolescência, quer as descobertas que desta fase advém.

Pode-se supor que esses fatos ocorrem ainda, a despeito de leis que garantem direitos, inclusive o direito à sexualidade, pois as pessoas com deficiência, especialmente a intelectual, ainda são encaradas como incapazes de emitir conceitos; também permanecem sob o jugo da invisibilidade, da descrença, traduzindo, assim, a perpetuação do estigma imposto pela sociedade. Para tal explicação, seguem os registros obtidos e selecionados nas bases de dados da Revista Brasileira de Educação Especial RBEE/Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial – ABPEE e Revista Educação Especial – REE/Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) com breves comentários de que tratam essas referências, nesta mesma ordem:

O texto de Denari (2002) apresenta uma reflexão sobre temas que abrangeram a sexualidade e deficiência mental na adolescência, baseado no entendimento de que a deficiência mental não é impedimento à expressão da sexualidade a partir do entendimento desta como diferente de relação sexual.

A pesquisa de Castelão; Schiavo; Jurberg (2003) faz uma análise a respeito de opiniões de pais e profissionais em relação à sexualidade de pessoas com Síndrome de Down, identificando como percebem a própria sexualidade.

O objetivo do trabalho de Luiz & Kubo (2007) foi descobrir as percepções de jovens com Síndrome de Down sobre o relacionar-se amorosamente, destacando comportamento amoroso; a sexualidade, em conjunto com a Síndrome de Down e a educação especial enfatizando as dificuldades de pais e profissionais para lidar com comportamentos de natureza

sexual de pessoas com deficiência mental.

Littig; Reis; Cardia; Reis & Ferrão (2012) referem-se ao o conceito de sexualidade da pessoa com deficiência intelectual, com análises perceptivas que mães de adolescentes têm sobre a sexualidade de seus filhos; além disso, buscou entender sobre a adoção de práticas de educação sexual. Os resultados apresentam, ainda, as concepções das mães a respeito das manifestações sexuais de seus filhos, que reproduziram a concepção social e cultural de negação a existência da sexualidade quando associada à deficiência.

No estudo de Maia; Reis-Yamauti; Schiavo; Capellini & Valle (2015) foram investigadas as opiniões de diversos professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual, resultando na necessidade de investimento na formação continuada na educação sexual para os docentes que atuam nas escolas inclusivas.

O texto de Santos & Osório (2010), partiu dos resultados da análise de dez relatórios de pesquisa, tendo por fundamentação teórica os estudos de Michel Foucault. Tais resultados constituíram-se em um saber e prática da sexualidade da pessoa com deficiência mental, com objetivo de evidenciar a relação existente entre a produção desse saber e as práticas cotidianas que se estabelecem no meio social.

Teodoro & Inácia (2016), em seu trabalho sobre as representações sociais sobre a sexualidade de pessoas com Síndrome de Down, partem do pressuposto que todas as pessoas têm liberdade de expressar sua sexualidade, tendo elas deficiências ou não. Teve como principal objetivo a análise das opiniões de pais, profissionais, pessoas com Síndrome de Down, e pessoas leigas sobre o tema: a sexualidade de pessoas com Síndrome de Down e de como percebem a sexualidade dessas pessoas, demonstrando prováveis consequências dessas percepções.

Na revisão de literatura de Maia & Vilaça (2017) o objetivo central foi à análise das concepções de professores sobre a sexualidade de alunos com deficiência intelectual. Sobre estas concepções, os professores consideram que a educação sexual no contexto escolar é uma

disciplina importante que necessita ser efetivada para com os alunos.

Oliveira & Araujo (2018) em seu artigo “Mamãe é down”, apresenta a sexualidade da pessoa com deficiência na trama discursiva da Revista *Época* considerada um objeto cultural, que faz parte da mídia. O texto produz narrativas sobre a pessoa com deficiência e sua sexualidade, baseados na perspectiva pós-estruturalista dos Estudos Culturais e nos estudos Foucault, tendo como objetivo a análise do aspecto cultural da deficiência e a identificação de estereótipos e significados existentes no discurso sobre essas pessoas.

Em suma, os diferentes artigos tratam de temas delicados, mas necessários. A expressão da sexualidade de pessoas com deficiências, tem de ser encarada objetivamente, com seriedade. Para tanto, devemos rever comportamentos, concepções, atitudes para que possamos, de fato, nos dar ao respeito e respeitar o outro que nos é diferente.

Por conseguinte, ainda que de forma breve, o panorama apresentado indica a relevância desta pesquisa, considerando-se a necessidade de aprofundamento da temática.

A partir destes entendimentos foram estabelecidas a seguinte questão norteadora para a presente pesquisa:

- De que forma jovens com Síndrome de Down, expressam, percebem e vivenciam as relações afetivas e sua sexualidade?
- Quais as dificuldades e limitações dos jovens com Síndrome de Down têm em relação à compreensão e comunicação sobre sexualidade e afeto?

Na tentativa de responder prioritariamente a estas questões, foram estabelecidos os seguintes objetivos:

OBJETIVOS

Objetivo Geral:

Investigar e analisar as expressões e entendimentos de jovens com Síndrome de Down a respeito de afeto da sexualidade.

Objetivo Específico:

Explicar, discutir e refletir as dificuldades e limitações das representações sobre afeto e sexualidade no convívio e entendimento do outro e do mundo no qual habita, partindo da voz e da expressão.

Desta forma, a pesquisa está estruturada em seções, seguindo a sequência lógica de assuntos para um melhor entendimento:

A segunda seção aborda uma, revisão de literatura sobre Síndrome de Down, sexualidade, sexualidade e deficiência, adolescência e educação em sexualidade.

A terceira seção apresenta o Método, a escolha das oficinas pedagógicas sua sistematização e organização; escolha dos participantes e temáticas. Apresenta ainda os resultados obtidos e uma discussão destes à luz da literatura de apoio.

As considerações finais, trazem além do apontamento das dificuldades de se pesquisar essa temática, sugestões para os próximos trabalhos.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 SÍNDROME DE DOWN – SD

Conceituar a Síndrome de Down é a primeira etapa para esclarecer o que é esta condição, de forma a justificar com maior propriedade a escolha do tema desta pesquisa. Neste capítulo, a Síndrome de Down é abordada de modo generalizado, descrevendo sua definição, suas características, conceitos e classificações gerais.

Mesmo não se atendo ao estudo aprofundado sobre a (SD), são necessários alguns esclarecimentos, a partir das descobertas de John Langdon Down, descrevendo aspectos físicos que caracterizam esta síndrome, onde acredita-se ser uma doença o qual incapacita as pessoas de terem autonomia, ou sequer competência de aprendizagem, entre outros equívocos (Lima, 2016). Na maioria das vezes, somente grupos com interesse particular ou científico se aprofundam em pesquisas, de modo a terem uma melhor compreensão do que realmente é a SD e quais suas singularidades.

Em 1838, por Jean Esquirol, foi obtida a primeira definição de um indivíduo com SD, e oito anos depois, Edouard Seguin, em 1846, definiu os pacientes como “idiotia furfurácea” (Pueschel, 2003). Já em 1866, Duncan, catalogou uma criança com cabeça diminuída e arredondada, olhos parecidos puxados, língua alargada, grande e que só reconhecia determinadas palavras (Pueschel, 2003).

E em 1866, o médico inglês John Langdon Down, publicou uma pesquisa que apresentava descrições das características clássicas da condição atualmente denominada Síndrome de Down, sendo algumas delas ditas pelo próprio médico como: não acreditar que esses indivíduos não eram filhos dos mesmos pais, pois possuíam as mesmas características, com face plana e alargada, olhos oblíquos e separados, com língua comprida, grossa e nariz

pequeno (Down, 1866).

John Langdon Down (1866) abordava nesta época tratamentos em indivíduos com “transtornos mentais”, considerando-os como “idiotas mongólios”, como um tipo de raça primitiva, por perceber uma aparência oriental dos indivíduos e pelo fato de ter viajado por Mongólia na Ásia, observando que determinadas crianças que eram atendidas se pareciam com os cavaleiros da Mongólia, então, denominou estas crianças de “idiotas mongólicos” (Mustacchi; Salmona, 2009).

A síndrome de Down é definida como uma alteração genética causada por erro na divisão celular, que tem como resultado aspectos clínicos de manifestação visível da deficiência intelectual (Flórez, Garvia & Fernandez-Olaria, 2015). Não deve ser classificada como doença, pois o fato de pessoas terem a SD não quer dizer que elas possuam algum desvio ou alteração do seu estado de equilíbrio com o meio, como explicitado pelo Ministério da Saúde (Brasil, 2012).

A partir do século XX, segundo Kozma (2007) com os avanços nas pesquisas genéticas, em 1932 o oftalmologista holandês Waardenburg iniciou uma investigação sobre alteração cromossômica para a Síndrome de Down e, após quase três anos, Adrian Bleyer nos EUA, definiu a SD como Trissomia (Schwartzman, 1999).

Entretanto, no ano de 1959, foi descoberto e descrita a presença de um cromossomo adicional nas crianças, pelo médico Jerome Lejeune, que observou 47 cromossomos ao invés de 46 cromossomos esperados em cada célula, encontrando três cromossomos 21 ao invés de dois 21 em cada célula, levando, assim, a terminologia da trissomia 21 (Pueschel, 2003).

Segundo Pueschel (2003), todos recém-nascidos apresentam fenótipo (que são as características físicas similares ocorridas pelo material genético que geram o aspecto e as funções dos indivíduos), as crianças com Síndrome de Down além de receberem material genético dos pais, recebem material genético a mais no cromossomo 21 (extra), o qual exerce

uma grande influência para a formação e crescimento do corpo (mais lento) em todas as crianças de forma similar.

Mustacchi e Salmona (2009) afirmam que pessoas com SD são comuns, tendo apenas na informação genética uma porção pequena do menor dos cromossomos extra, sendo esse material genético a mais, que resulta em condições clínicas que as diferenciam de outras pessoas, sendo a característica da face similar a um oriental; mínimas diferenças distinguidas como atraso do desenvolvimento motor e dificuldades em capacitação. Além disso, Pimentel (2012) enfatiza que a SD não possui terapêutica medicamentosa e tampouco cura, tendo somente necessidade de investimento em melhorias do quadro geral; portanto não é doença.

Alves (2011) relata a evidencia na necessidade de estímulos e acompanhamentos prévios por multiprofissionais de todos as pessoas com SD desde o nascimento, por multiprofissionais, pois quanto mais cedo acontecer, maior a chance da obtenção de êxito e, quanto maior o estímulo, mais completos serão os domínios. Pimentel (2012) completa que, a ocorrência de estimulação prévia dos indivíduos com SD aumenta o estado de atenção, a capacidade e os interesses, modificando principalmente as limitações sensoriais, sociais e mentais.

Apesar da dificuldade na generalização sobre as características individuais das pessoas com SD, Alves (2011) afirma que a maioria apresenta comportamento dócil e com necessidade de imitar adultos; também quanto à captação e atenção, possuem certa dificuldade na realização de atividades que exijam longos tempos de atenção, descrevendo ainda, que as pessoas com SD necessitam de que as tarefas sejam realizadas em etapas menores para conseguirem lidar com essa dificuldade.

Outra questão pertinente à generalização sobre as características individuais das pessoas com SD, Kozma (2007) apresenta a existência de dificuldades na aprendizagem com que venham exigir rapidez de juízo crítico, coordenação complexa e análise detalhada.

Ainda revela que, essas dificuldades não significam que jamais a pessoa com SD possa desenvolver tais habilidades superiores, contudo, será mais complexo e necessitará de maior tempo.

Segundo o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de 2019, no Brasil existem aproximadamente 300 mil pessoas com Síndrome de Down, tendo ocorrência de um grande aumento na expectativa de vida desde o século XX, representada em uma parcela expressiva da população, observando sempre a importância no repasse de informações atuais aos pais e profissionais, que atuam direta e indiretamente com essas pessoas.

De acordo com Saad, já em 2003, eram observadas mudanças na perspectiva da SD, pois “ a existência de mitos, de preconceitos historicamente construídos e a precariedade de informações ou conhecimentos referem-se às potencialidades das pessoas com SD, constituem fatores que dificultam sua participação na sociedade” (Saad, 2003; p. 58)

Atualmente, no mundo e no Brasil pessoas com SD vem se destacando em vários segmentos sociais, tais como: esporte, cinema, dança, entre outros, como se pode notar em reportagens.

Mesmo que as pessoas com Síndrome de Down tenham características comuns, sabe-se que cada pessoa é única, seja ela parecida com seus familiares, com sua personalidade e seu potencial. Conhecer as singularidades das pessoas com SD é de extrema relevância, pois proporciona aos pais, responsáveis e profissionais de diversas áreas informações importantes, que minimizem possíveis dificuldades que a pessoa com Síndrome de Down venha a ter no desempenho acadêmico e social.

2.2 DEFICIÊNCIA, PUBERDADE E ADOLESCÊNCIA

Partindo de uma perspectiva teórica que compreende a sexualidade como um dispositivo histórico-social, sendo parte do componente emocional de cada pessoa, também a construção social de conceitos relacionado à sexualidade e a deficiência passam por discriminação frequentemente (Ribeiro, 2005).

O documento da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO, 2014), afirma que a sexualidade humana é uma dimensão fundamental que está constituída por diversos conhecimentos de todas as etapas da vida, apresentando aspectos físicos, psicológicos, mentais, sociais, econômicos, políticos e culturais.

Neste sentido, a sexualidade faz referência às concepções culturais em que estamos inseridos, sendo afetos, interação social e corporal; que compreende sobre o prazer, a erotização, o desejo, o gerar filhos e o exercício do poder na sociedade, sendo concepções amplamente difundidas entre culturas. Em certos ambientes, alguns desses comportamentos são vistos como cabíveis e desejáveis, enquanto outros são considerados inadmissíveis (Mannocci, 2017).

Para Santos e Araújo (2009), dizemos que por vezes se abrange questões polêmicas por se tratar de um assunto interligado a conceitos religiosos, curiosos, intolerantes, restritos e conservadores. É neste ponto de vista que observamos a todo o instante nas mídias e outros meios de comunicação, os padrões de sexualidade que são disseminados na sociedade, pregando formatos de sexualidade tais como ‘normal e feliz’, isso tudo compreende principalmente padrões estéticos, de desempenhos físicos e sexuais como prioridades para que todos vivam plenamente sua sexualidade.

Ribeiro (2009) comenta sobre a restrição exercida por segmentos sociais, entre estes, a religião, sobre o exercício da sexualidade. Para o autor, a Igreja Católica, já na Idade Média,

impôs normas às condutas sexuais, influenciando, repassando comportamentos que a estas excediam. Instaurou a noção do pecado, de sexo como algo impuro e sujeito a punições (Ribeiro, 2009).

Este é um ponto importantíssimo nas pesquisas em relação à sexualidade humana, pois o conceito do que é certo e errado e as doutrinas religiosas permanecem desempenhando grande influência em algumas abordagens de educação em sexualidade, existente em nosso país (Mannocci, 2017).

Segundo Maia (2011), a visão e compreensão sobre a sexualidade é constituída de diversas maneiras, indo muito além do sexo em si, sabendo que a sexualidade humana se constrói ao longo de toda uma trajetória de vida, ocorrendo pelas escolhas e decisões de cada um. Uziel (2011) completa que, caminhos vão sendo traçados e adaptados a cada cultura, tendo a expressão da sexualidade de cada indivíduo classificada como ‘normal’ ou não em seu meio.

Para Figueiró (2009) sexualidade e ato sexual, não podem ser entendidos como uma coisa única, pois o ato sexual refere-se ao sexo e ao prazer sexual, considerado necessidade biológica que toda pessoa traz consigo desde seu nascimento e a sexualidade abrange um conceito mais amplo.

A expressão da sexualidade, portanto, deve ser entendida como um processo amplo, natural, inerente ao ser humano e próprio de cada fase do desenvolvimento” (Denari, 2006, p.78). E isto se aplica, também, às pessoas com deficiências que podem se fortalecer, percebendo-se, sentido, amando (Amor Pan, 2003).

Ainda que atualmente vivamos em tempos menos auteros, podem ser observadas regras, costumes, ordenamentos que comandam e determinam condutas sexuais.

Foucault (1988), considerou que a sexualidade consiste em ser usada por elemento de mecanismos de controle, reafirmando e mantendo os espaços de poder na hierarquia social, que interferem nos conhecimentos de grupos vulneráveis, ou seja, definindo politicamente quais

corpos são corretos ou não de viver e reproduzir. A partir de propostas dos padrões de normalidade, os corpos percebidos como não funcionais, são alvos do chamado “não aceitável”, e compreender esse fenômeno é essencial para ponderar sobre sexualidade, gênero e deficiência.

É importante ressaltar, que a sexualidade das pessoas com deficiência, ainda é vista pela sociedade permeada por mitos que inviabilizam a experiência digna de pessoas com deficiência, mitos que são pautados em concepções de deficiência que impossibilitam a garantia dos direitos previstos nesta legislação, provocando conflitos na significação das pessoas com deficiência e na relação destas com a sociedade (Lopes, 2018).

Uma das maiores dificuldades na aceitação da expressão da sexualidade de pessoas com deficiência sobretudo aquelas consideradas em condições de deficiência intelectual, reside no fato de a sociedade (ou a audiência, nos termos propostos por Goffman (2008) imputar a estas, um padrão de desenvolvimento atípico que fica, em grande parte, aquém de suas potencialidades.

Outra dificuldade parece estar condicionada pelo entendimento social, de apenas generalizar o ato sexual (Maia, 2006). Assim para a autora:

[...] o indeferimento da sexualidade de uma pessoa com deficiência tem como fundamento a visão de que as pessoas com deficiência são assexuados. Para grande parte da sociedade a sexualidade delas não existe, como se isso fosse possível (MAIA, 2006, p.33).

Na perspectiva inclusiva no Brasil, a Lei nº 13.146/2015 – Lei Brasileira de Inclusão (LBI) (BRASIL, 2015), aborda artigos, especificidades de direitos e mais especificamente concepções quanto à capacidade civil, atenção sexual e reprodutiva da pessoa com deficiência. Nesta legislação entende-se a superação total da teoria das incapacidades, além disso, propõe a avaliação biopsicossocial fundamentada nos critérios da Classificação Internacional de

Funcionalidade (CIF) para fins legais, como se pode notar nos seguintes artigos:

Artigo 18: VII É assegurada atenção integral à saúde da pessoa com deficiência em todos os níveis de complexidade [...]; VII - atenção sexual e reprodutiva, incluindo o direito à fertilização assistida;

Artigo 85: A curatela afetará tão somente os atos relacionados aos direitos de natureza patrimonial e negocial.

§ 1º A definição da curatela não alcança o direito ao próprio corpo, à sexualidade, ao matrimônio, à privacidade, à educação, à saúde, ao trabalho e ao voto.

§ 2º A curatela constitui medida extraordinária, devendo constar da sentença as razões e motivações de sua definição, preservados os interesses do curatelado [...] (BRASIL, 2015).

Para Santos e Araújo (2009), refletir sobre a sexualidade de pessoas com deficiência envolve muitas vezes discussões polêmicas por se tratar de um assunto ligado a conceitos dogmáticos, especulativos, preconceituosos, limitados e conservadores. Dessa forma, a todo o momento presenciam-se na televisão, na internet e outros meios de comunicação os padrões de sexualidade disseminados na sociedade; pregando formas de sexualidade “normal e feliz”, isto tudo compreendendo padrões de estética, de beleza, de desempenho físico e sexual como sendo uma prioridade para que as pessoas vivenciem plenamente sua sexualidade. E nesta perspectiva, pessoas que não contemplam tais padrões permanecem na invisibilidade.

No campo da sexualidade, segundo Maia (2011), padrões estão conectados à moralidade, definindo a orientação sexual, os padrões estéticos, o formato familiar e os sentimentos que são cabíveis quanto à deficiência. Esses padrões morais correspondem às características da classe dominante, ou seja, a maioria.

Diante desses padrões, quando o assunto é sobre sexualidade e deficiência, certos mitos são estabelecidos e propagados, conceituando pessoas com deficiências como imorais ou assexuadas, não precisando receber orientações sobre a sexualidade, sendo vistos como pessoas

pouco atraentes e incapazes de manter vínculo afetivo e sexual (Maia, 2011).

Um fato é que a sexualidade das pessoas com deficiência é a mesma de qualquer outra pessoa, o que varia é a sua expressão, que depende de um suporte social, muitas vezes ausente.

As principais crenças e equívocos para Maia e Ribeiro (2010) e Maia (2016), são de que pessoas com deficiências são assexuadas, sem desejos sexuais ou possuem desejos aguçados, assim, crenças equivocadas influenciam até mesmo nas tomadas de decisões sobre seus próprios desejos, não podendo se expressar.

Debates sobre sexualidade e deficiência provocam polêmicas e indiferenças, pois quando abordamos esses assuntos, nos afrontamos com nossas próprias concepções e valores, que provavelmente estão ocultos em um depravado senso moral ou uma timidez de exposição. Se nos parece complexo debater sobre sexualidade, quando relacionada relação uma pessoa com deficiência, isso se agrava. Existem algumas concepções sociais fantasiosas que permeiam essas pessoas, limitando-as e oprimindo sua potencialidade. Isto acontece, pois, sexualidade e deficiência são construídas socialmente a partir de preconceitos e preceitos de certo e errado (Mannocci, 2017).

Dessa forma, argumenta-se que, ao se pensar em sexualidade é indispensável analisar a influência que a sociedade desempenha sobre modos de reconhecimento e vivência da sexualidade. Independentemente de pesquisas direcionadas a sexualidade, estamos influenciando e sendo influenciados pelas visões que nos são passadas socialmente.

2.3 DEFICIÊNCIA E SEXUALIDADE

A sexualidade é importante componente da vida de toda pessoa, devendo ser abordada por diferentes modos de convívio e aprendizado, pois, mesmo não tendo ações propositais,

nossas atitudes demarcam valores e concepções que automaticamente serão repassados de alguma maneira (Mannocci, 2017).

Um projeto “apropriado, consciente e emancipador que possa contribuir para o objetivo de tornar todo o grupo educacional, capaz de discutir temas importantes para a percepção no campo da sexualidade” está na proposta do projeto de educação em sexualidade (Maia, 2011, p.182).

Para Aranha e Maia (2005), a sexualidade está compreendida em um conjunto de concepções e valores que definem a intencionalidade e a expressão de afeto de qualquer pessoa, num processo de socialização. Nesta concepção jamais uma pessoa pode ser considerada assexuada, uma vez que a sexualidade é intrínseca ao ser social, envolvendo uma dimensão de condutas humanas que ultrapassam a genitália, não podendo ser compreendida, exclusivamente, como sinônimo de relação sexual, e sim, na sua ampla proporção de cultura que envolve diferentes aspetos como o amor, os relacionamentos afetivos, a sensualidade, o prazer e o erotismo, a expressão da identidade e dos papéis sexuais.

A sexualidade para Weeks (2010), é definida como “uma descrição geral para a série de crenças, comportamentos, relações e identidades socialmente construídas e historicamente modeladas que se relacionam”.

Pesquisas realizadas por Abromavay, Castro e Silva (2004) e Louro (2010) sobre sexualidade no âmbito escolar, relatam sobre este assunto percorrer pelos corredores entre os alunos ou até mesmo nas atitudes dos professores em sala de aula, entretanto, se percebe que as mesmas mentes que compartilham a sexualidade dos espaços escolares estão moldadas e organizadas a entender e aprender a distinguir cada gênero, reprimindo qualquer outra sexualidade que venha despertar, ocasionando supressão e pudor por quem está à sua volta.

Ampliar nossa maneira de pensar gera também a compreensão de que a educação sexual vai além do ato, abrangendo pontos fundamentais para o desenvolvimento de cada

pessoa, contribui para o entendimento de si e do outro, e sua relação com o mundo e nos diversos espaços que convive (Mannocci, 2017). A educação em sexualidade desvinculada tão somente do discurso biológico e científico, necessita considerar primeiramente a relação com o direito de que todos possam receber informações sobre seu próprio corpo, afeto e relacionamentos, podendo estes, expressarem seus sentimentos, rever seus conceitos, formando sua própria opinião e seus próprios valores e condutas; sobretudo, o que está ligado ao sexo e a sexualidade.

São destacados os tópicos gerais instituídos pela UNESCO (2010) abordados na educação em sexualidade, sendo eles: relacionamento afetivo, princípios, crenças e capacidades, sociedade, cultura, direito e desenvolvimento humano, comportamento sexual, saúde sexual e reprodutiva.

Mas o processo educacional é constituído por uma equipe multidisciplinar, logo, a educação em sexualidade é responsabilidade de toda a instituição escolar, pela forma não exclusivamente do ensino, mas como também de regras, aprendizados e currículo (UNESCO, 2014).

A temática da educação em sexualidade está descrita em diversos documentos nacionais, entendidos como uma probabilidade de garantia de acesso e informações de benefícios necessários para o aprendizado e o desfrute de direitos humanos, especificamente os direitos sexuais e reprodutivos (Sfairs *et al.*, 2015).

Noutra vertente, nota-se que o interesse na preparação da política educacional para Educação em Sexualidade nas escolas permanece ecoando a saúde das crianças e dos jovens, obedecendo apenas a um molde clínico de higiene (Garcia, 2018).

Desta forma, conforme Garcia (2018), as diversas demonstrações e expressões da sexualidade humana não protagonizam a disputa, como também não é contestado o lugar que estas manifestações ocupam na sociedade ou seja, discussões que envolvem gênero, atos

sexuais, corpos, anseios, receios, amores, afetos, as subjetividades, as identidades são ignoradas.

Mediante essas circunstâncias, Garcia (2018) discorre que a atitude da escola deveria ser a de reflexões, promovendo modificações para a dignidade humana e o exercício da cidadania de todos. Ainda, sabe-se que é no contexto escolar que as manifestações da sexualidade estão presentes, a convivência entre as crianças e jovens permite diferentes aprendizagens, favorecendo a socialização, vindo a construir novos comportamentos, novas crenças e acima de tudo, novas formas de relacionamentos, como também a vivência entre outras culturas e experiências em diferentes situações.

Considerando as reflexões de Tiburi (2017), torna-se imprescindível que desafios devam ser enfrentados em conjunto pelas instituições, pelas políticas públicas e pelos professores. Neste sentido, vale o interesse na constituição de ambientes educativos mais plurais e menos desiguais e pela formação de educadores, que com esse direcionamento, passam fomentar a abordagem de gênero e sexualidade nas disciplinas, na gestão, nas produções e projetos pedagógicos.

Diante de alguns dos desafios em distintas ordens, para Butler (2017) a sexualidade pede criticidade na educação, não significando simplesmente a inclusão de uma disciplina, mas de uma atitude adversa a determinismos e ajustada no reconhecimento dos outros e suas diferenças, tendo a escola como um ambiente aberto ao acolhimento e à reflexão com suas individualidades, subjetividades e autonomias de todos integrantes do ambiente escolar.

Para tanto, como afirma a Butler (2017, p.15) “é necessária a formação de professores para um debate mais aprofundado sobre as questões de gênero e sexualidade, com disciplinas obrigatórias que tratem destes pontos”. Ainda segunda a autora, a promoção da diversidade e dos direitos humanos nas instituições escolares é essencial, além disso, recomenda que se desconstruam os preconceitos quando o assunto é diversidade sexual, bem como das

desigualdades resistentes em nossa sociedade que, são sim, os principais agentes das violências (Butler, 2017).

A escola deve reconhecer sua pluralidade, tendo respeito às diferenças e desigualdades, enfrentando preconceitos e discriminações. “Educação para a diversidade não é uma doutrinação. O objetivo é construirmos condições dentro desses ambientes para que educadores e alunos aprendam e ensinam a conviver entre as diferenças que naturalmente existem entre todos nós” (Butler, 2017, p.14).

Quando pensamos em uma abordagem inclusiva e abrangente, considerando também a sexualidade das pessoas com deficiência, é notório que ações são apequenadas e, por vez, inexistem. Reforçam-se ideias de desinteresses da sexualidade destas pessoas, que causam medos, incapacidades, estereótipos e preconceitos em administrar de maneira natural a orientação formal e informal da sexualidade dessas pessoas.

Nesta perspectiva, quando se trata de alunos com deficiência, habitualmente apresentam baixo nível de informação a respeito da sua sexualidade e, são frequentemente privados do acesso à educação sexual (Almeida, 2009). Isto se deve a um conjunto de ideias preconceituosas e opressivas concernentes à sexualidade dessas pessoas, julgadas “anormais e infelizes”, isso quando pensadas como sujeitos sexuais (Maia & Ribeiro, 2010).

Entretanto Hollerweger e Catarina (2014), comentam que este não é o único aspecto discriminatório atrelado à sexualidade das pessoas com deficiência, sendo os mesmos privados de uma educação em sexualidade por serem adotados como hipersexuados, provocando a fantasia de que a abordagem deste assunto instigaria a prática do ato sexual descontrolado.

Considerando visões de políticas públicas, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN, 1998), toda família desempenha a educação em sexualidade de algum modo, seja através de condutas, na relação com o grupo familiar, nas demonstrações, condutas e valores.

Conforme Maia e Ribeiro (2009, p.49), “é fundamental que o aluno participe das atividades propostas, pesquisando, buscando, expressando, e tirando suas próprias conclusões, tendo o professor que dominar o conteúdo”.

O professor deveria entender que é componente de seu trabalho como educador, orientar sobre o tema sexualidade para seus alunos de modo adequado e ético, partindo de propostas pedagógicas.

Abordar sexualidade e inclusão na escola, principalmente com os profissionais que atuam direta e indiretamente, torna-se essencial para uma melhor compreensão e adesão de novos aprendizados, para que o aluno com deficiência tenha sua sexualidade reconhecida e tratada adequadamente no decorrer do seu processo educacional e desenvolvimento pessoal. Dessa forma, é nas instituições educacionais que todos podem receber os conhecimentos necessários à expressão de sua sexualidade.

Castelão (2003) discorre que a maioria das famílias de pessoas com algum tipo de deficiência, tendem a apresentar um papel muito protetor, em que as trata com comportamentos infantilizados e como pessoas assexuadas, assim estes elementos geram lacunas na sua educação sexual (ES), aumentando sua vulnerabilidade ao abuso e a comportamentos de risco.

2.4 DEFICIÊNCIA E EDUCAÇÃO SEXUAL

Nas décadas de 1960 a 1990, adentrando nos anos iniciais do século XX, muitas foram as publicações voltadas ao estudo da adolescência no mundo e no Brasil. Esse fenômeno ocorreu como consequência das mudanças mundiais desencadeadas após a II Guerra Mundial. Surgem gerações mais atuantes em várias manifestações sociais, reivindicando espaço no mundo.

Da “revolução no corpo e na mente” (Wusthof, 1994, índice) até a cristalização de um corpo social na atualidade, notam-se muitas mudanças. Mas será que estas mesmas mudanças também atingem as pessoas com deficiências e, neste caso, com SD?

A adolescência é parte de um fenômeno de variações, no qual acontecem modificações rápidas e importantes nos corpos, assim como nos estilos de vida. É na adolescência que ocorrem mudanças biológicas e fisiológicas, psicológicas e sociais. Porém, quando a pessoa tem algum tipo de deficiência, esta etapa do ciclo de vida quase não é levada em consideração.

Nos adolescentes com deficiência, caso não apresentem doença coexistente que venha impedir o início desta fase, a puberdade ocorrerá do mesmo modo que nos jovens sem deficiência (Mandu, 2001). O que normalmente se compromete nas pessoas com deficiência é o desenvolvimento psicossocial, pelas influências sofridas de muitos fatores. Todavia a cultura e o meio ambiente são essenciais para ocorrer de maneira natural a transição do infantil ao jovem adolescente (Blacher, 2001).

Na puberdade, segundo Wusthof (1994, p.24) “como o beijo do Príncipe que despertou a Bela Adormecida, os hormônios sexuais entram em ação para acabar com a hibernação do corpo infantil”. Trata-se, pois de um fenômeno universal.

O adolecer das pessoas com deficiência é um tema escasso na literatura. Entretanto, a maior parte dos jovens com deficiência, chega à puberdade com a sua maturação sexual em conformidade com os demais adolescentes sem deficiência (Bastos & Deslandes, 2005).

Além disso, as autoras descrevem que entre todas as modificações acometidas na fase da vida, destacam-se aquelas relacionadas à sexualidade, que sofre mudanças do ponto de vista qualitativo, sentindo-se estimulados pela busca de prazeres amorosos e genitais. Destacam ainda que o senso comum considera que os adolescentes com deficiências “não têm sexualidade”, ou que possuem de forma exacerbada, e/ou não controlada.

O jovem com Síndrome de Down, não se difere quanto ao desenvolvimento e ao afeto

com outros jovens da mesma idade, mas pode apresentar comportamentos infantilizados, pelo insistente modo de como é visto em seu meio social, como uma “eterna criança” (Lepri, 2006). Nota-se que, em geral, não existem alterações expressivas no que diz respeito aos aspetos anatômicos e fisiológicos da pessoa com deficiência. Assim, as características físicas na fase da puberdade, surgem no adolescente com deficiência, na mesma idade da população em geral (Vieira, 2015).

Ao tecer considerações sobre deficiência e puberdade, Ribeiro (2013) relata aspectos chamados de “Fase Genital”, que ocorre na adolescência, considerada a última fase do desenvolvimento psicosssexual que direciona a pessoa ao pleno desenvolvimento adulto. Neste momento, o desenvolvimento cognitivo/social foi obtido e a sexualidade genital já está determinada, com capacidades de criação dos vínculos sexuais e afetivos duradouros. O autor descreve esta fase como a consolidação da identidade pessoal do indivíduo, que leva os adolescentes a determinar a sua própria independência relativamente aos papéis de gênero.

Entre todas as modificações que se apresentam nesta etapa do desenvolvimento humano, Silva (2013) argumenta que mudanças sentidas assumem elevada importância ao nível do campo psicológico, atendendo assim, transformações ocorridas no corpo e levando o adolescente a se reorganizar interpretando seu próprio corpo.

Para alguns autores, a maior parte das pessoas com Deficiência Intelectual (DI) passa pelas mudanças da puberdade; os adolescentes com deficiência possuem desejos, emoções e impulsos sexuais com manifestações similares aos demais adolescentes. O que é observado, em muitas situações é a manifestação sexual imprópria de alguns jovens, pelo pouco convívio com outras pessoas em que regras de conduta sejam cobradas (Glat, 1992; Denari, 1997).

Com a pesquisa de Morales e Batista (2010), é possível verificar que as manifestações sexuais são constatadas por parte das pessoas com deficiência, especificamente com a masturbação, abraços e beijos, sendo considerados deficientes em relação aos afetos e a

sexualidade.

Ribeiro (2012), relata que a melhor opção para esses jovens com deficiência é ajudá-los na compreensão das mudanças que venham ocorrer na puberdade e adolescência, bem como as emoções que a acompanham. Entretanto, necessitamos de implementação aberta na sociedade em geral, especialmente nas famílias que encontram dificuldades para a discussão desses assuntos com seus filhos adolescentes, principalmente com deficiência (Bastos & Deslandes, 2005).

Biologicamente, todo ser humano está preparado para exercer sua sexualidade desde cedo, contudo, o entendimento dessa sexualidade ocorre exclusivamente com o surgimento da puberdade, momento das maturações funcionais. Concluída a puberdade, a dificuldade para os jovens é sobre o novo corpo, com um novo sexo reconhecível, seja ele deficiente ou não (Vieira, 2015).

Um dos entraves para a discussão da puberdade e sexualidade de jovens com deficiência, se deve à quase inexistência de relatos de experiência sobre o assunto. Esta inexistência talvez ocorra pelos preconceitos e discriminação ainda atuais, que por diversas vezes sustentam a ideia de que esses jovens não possuem o direito de exercer a sua sexualidade (Bastos & Deslandes, 2005).

Os autores acima ainda afirmam que, se compreendermos o desenvolvimento biológico e psíquico dos adolescentes com deficiência sobre a questão que envolve a puberdade e a sexualidade, vista como etapa fundamental de todo ser humano; acredita-se que a disseminação de informações sobre essas questões são elementos contribuintes para que alguns mitos, medos, preconceitos e tabus sejam revistos e, conseqüentemente outras visões e possibilidades sejam seguras, possíveis e saudáveis para todos.

3 MÉTODO

Esta pesquisa, de caráter qualitativo e descritivo, destina-se a investigar e compreender as expressões e representações sobre o afeto e a sexualidade de pessoas com SD. E além disso, elucidar e refletir as problemáticas destas representações na convivência e entendimento do outro e do mundo, partindo da voz dos próprios jovens.

Para tal, a maior preocupação com estudos descritivos, aprofunda-se nas descobertas de características essenciais de conjuntos homogêneos em fenômenos, descrevendo uma realidade. O pesquisador embarca na realidade, buscando descrever e documentar os fenômenos que acontecem (Vilelas, 2009).

Ao definir o grupo de participantes deste estudo, levando em consideração a mesma condição de deficiência e idade, aceitou-se que uma caracterização mais criteriosa seria necessária na busca das representações sobre afeto e sexualidade que pudessem ter melhor compreensão, correspondendo a alguns predicativos analisados para poder ser abordada nessa temática. Decidiu-se que a pesquisa deveria ser composta apenas por jovens com Síndrome de Down, para que proporcionasse diferente sentido, valores e pensamentos daqueles usualmente encontrados nas demais pessoas, sobre o afeto e a sexualidade. No tocante, a decisão de atender para a pesquisa, foram escolhidos como participantes apenas aqueles que estivessem frequentando o Atendimento Especializado Exclusivo.

Deve-se esse fato, pela experiência profissional da pesquisadora com esse grupo como docente neste âmbito desde 2017.

Percebe-se que algumas dificuldades e entraves no que diz respeito ao ensino e aprendizagem, combinado a questões que podem ser descritas a partir do campo deste estudo, fundamentado sobre as representações, expressões, significações, conceituações e pensamentos que emergem no universo da sexualidade e das relações afetivas.

Por conseguinte, a pesquisa utilizou-se de oficinas, com os materiais apropriados para atingir os objetivos como conversas, revistas diversas e desenhos, pois desta forma a oficina favorece o manejo do grupo e a interação social, possibilitando que os dados sejam obtidos rápida e dinamicamente no contexto coletivo e até mesmo numa análise particularizada, possibilitando dados dinamicamente no contexto coletivo (Schiavon, 2018).

As oficinas são elementos de uma modalidade de pesquisa ainda timidamente usada; nas quais onde recursos válidos justificam o método, oportunizando as vivências de diversas situações concretas e significativas “baseadas em sentir, pensar e agir com objetivos pedagógicos de ação e reflexão” (Paviani & Fontana 2009, p.78).

Todas as oficinas seguiram os mesmos critérios, dependendo de cuidados quanto à similaridade na aplicação, condução e duração. Todas ocorreram em locais tranquilos, sem a interferência de ruídos ou pessoas externas a esta pesquisa. Ressalta-se que as oficinas foram realizadas coletivamente e em horário e turno oposto àqueles em que os jovens estudavam.

As oficinas foram todas transcritas, mantendo todo o seu conteúdo, inclusive os erros gramaticais, linguísticos e as gírias, proporcionando desta maneira maior credibilidade e importância às falas dos jovens, reconhecendo a validade de todo o material produzido.

Com o intuito de proceder a uma rigorosa coleta de dados, todas as oficinas foram transcritas e registradas em diário de campo.

Portanto, o grupo social escolhido foi composto por pessoas enquadradas em uma faixa etária de 18 a 22 anos, em que todos apresentam Síndrome de Down. Assume-se desta forma, uma pesquisa teórica e conceitual para o campo das representações. Esses elementos teóricos constitutivos para os processos de análise das representações, permitem à pesquisadora envolver-se nos pensamentos e significados que sustentam essas expressões, identificando como são entendidos e sentidos os objetos representados.

3.1 REALIZAÇÃO DA PESQUISA

As oficinas ocorreram em um Centro de Atendimento Especializado Exclusivo de uma cidade de porte pequeno no interior do Estado de São Paulo. Esta instituição atende alunos com deficiência intelectual, múltipla e transtornos globais do desenvolvimento que precisam de apoio permanente. A instituição é composta por diretor, coordenador e secretária, professores especializados e ajudantes de desenvolvimento infantil. Na área da saúde contam com fisioterapeuta, fonoaudióloga e psicóloga. Na área da alimentação e limpeza contam com merendeiras e faxineiras.

A escolha da instituição deu-se por ser o local de trabalho da pesquisadora portanto, melhor facilidade de acesso e familiaridade junto ao grupo de jovens participantes. Os Jovens entrevistados precisariam se enquadrar em alguns quesitos, principalmente ter mais que 18 anos e concordar com a pesquisa, juntamente aos seus pais e o representante da instituição, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3.2 PARTICIPANTES

Participaram dessa pesquisa quatro jovens com Síndrome de Down, sendo dois do sexo masculino e dois do sexo feminino, com idades entre 18 e 22 anos, como mostra a Tabela 1. A metodologia utilizada pode ser considerada flexível, no qual, o pesquisador analisa o número de participantes e o intuito da pesquisa (Oliveira, 2016).

Os nomes são fictícios para preservar a identidade e o sigilo dos participantes, destacando-se algumas características que ajudarão a compreender um pouco mais sobre os mesmos:

Tabela 1-

Dados gerais dos participantes das oficinas

Nomes	Sexo	Idade	Laudo	Tempo na entidade
Edilson	M	18	SD	13 anos
Gabriel	M	22	SD	14 anos
Jordana	F	19	SD	12 anos
Mariana	F	20	SD	12 anos

Fonte: Criado pela pesquisadora

Quanto à faixa etária dos jovens, a opção justifica-se pelo fato de que durante a adolescência, os jovens apresentam modificações corporais, afetivas e sexuais intensamente, que conseguem elaborar suas ideias e sentimentos. O tempo de institucionalização estão bem próximos uns dos outros participantes, possuindo interação e convívio em sociedade. Optou-se por jovens que estivessem presentes no contexto escolar, sendo um espaço de múltiplas vivências interpessoais, permeadas na visão inclusiva na qual surgem as situações e problematizações diversas, como éticas, pedagógicas, políticas, culturais, sociais, afetivas e sexuais.

3.3 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Trata-se de uma sequência temática que inclui sentimentos e principalmente as relações das pessoas com deficiências, trabalhadas com métodos lúdicos e pedagógicos variados englobando desenho, pintura e materiais pedagógicos (Vieira, 2014).

A coleta de dados ocorreu em três etapas distintas, no período de setembro a outubro de 2018 por meio de três oficinas com duração mínima de 50 minutos cada.

Inicialmente, todos os alunos foram levados a uma sala determinada pela instituição, que dispõe de mesas e cadeiras apropriadas para devida acomodação e distribuição dos materiais a serem trabalhados.

Após a formação do grupo, foi projetada primeiramente a apresentação de todos os participantes e, diante disso, as observações de quais seriam os temas que estariam presentes e que quais teriam maior relevância com a pesquisa. O conjunto de respostas fornecidas pelos jovens foi agrupado por participante para uma melhor compreensão, e esse material permeia a interpretação e a visão de cada um deles sobre os assuntos apresentados.

3.4 REALIZAÇÃO DAS OFICINAS

A presente pesquisa desejou “dar escuta” e “dar vozes” aos jovens com Síndrome de Down; para isso teve uma atenção especial e principalmente um cuidadoso planejamento.

A realização de encontros com grupos é uma ferramenta indispensável para a formação de um espaço que incite o expressar-se por meio da fala (Checchia & Souza, 2003).

As técnicas em grupo viabilizam um aprendizado tanto grupal quanto pessoal, o que contribui para elementos como a escuta, o autoconhecimento, pensamento crítico, dentre outros, devendo ser flexíveis, especialmente em estudos realizados com jovens, necessitando estar de acordo com o tema (Minto *et al*, 2006).

Entende-se que a pessoa Síndrome de Down, tendo deficiência intelectual, necessita de um método de ensino diferenciado, em que a repetição auxiliou na fixação e entendimento de cada tema proposto. Além disso, tendo em vista a liberdade de expressão e, ao também, que os participantes tivessem iguais condições de participação, todo material fornecido para o desenho

foi fornecido pela pesquisadora, tais como: lápis coloridos, lápis preto, canetas e folhas de papel, mas é o respondente que decide o que vai utilizar (Queiroz, 2019).

A utilização de elementos lúdicos com as imagens contidas nas revistas e desenhos realizados pelos participantes foi de extrema importância, pois aproximou o pesquisador dos participantes. “Papel branco, lápis e lápis de cor são os materiais com os quais preferencialmente as pessoas se comunicam” (Aberastury, 1982, p.99).

Uma das técnicas da pesquisa foi a observação, segundo Bussab e Santos (2009, p.107) “é na observação em condição natural que permite ao pesquisador a obtenção de informações acerca de características expressivas e seus determinantes que seria complicado, ou até impossível o acesso através de outros meios”. Martins Filho (2011, p.100) refere que pesquisador observa e é observado, “estabelecendo e criando laços, o que beneficia as afinidades e o desenvolvimento de uma participação sensível às produções científicas”.

A observação proporciona um instrumento facilitador para “contato direto com os sujeitos da pesquisa, recriando com eles a realidade concreta estudada” (Temple, 2010, p.239), buscando “reduzir a distância entre pesquisador e pesquisado, a fim de diminuir os efeitos da compreensão do outro pelas suas expressões e não a partir dos pensamentos da cultura do pesquisador” (Delalande, 2011, p.75).

Diversas pesquisas são realizadas através de procedimentos que se baseiam “na elaboração de desenhos ou relatos de memória que uma pessoa ou um grupo de pessoas têm de um determinado ambiente” (Rheingantz *et al.*, 2009, p.57).

Nas pesquisas, conforme Rheingantz *et al.* (2009), sobre o pesquisador convidar o participante a desenhar de sua memória, conforme sua percepção de determinada situação, o desenho se dá em folha de papel em branco, com todo material disponível pelo pesquisador.

Entretanto, é partir das representações que o participante desenha que se é possível entender valores de determinados elementos em relação a outros. Até mesmo a ordem

sequencial na elaboração de desenhos é de suma importância, uma vez que, segundo Rheingantz *et al.* (2009) os elementos desenhados costumam ser os mais significativos.

Algumas abordagens utilizadas para aplicação desta pesquisa basearam-se na abordagem não estruturada, na qual o pesquisador acompanha todo o procedimento metodológico interagindo com o participante, a fim de analisar e registrar as expressões e explanações produzidas, também com a elaboração do desenho, embora essencial, este método não influencia o participante durante a atividade proposta (Rheingantz *et al.*, 2009).

Na abordagem de seleção visual, sua aplicação permite identificação dos símbolos, das preferências e dos aspectos socioculturais do determinado grupo participante. “Permite, ainda, compreensão da imaginação das pessoas relacionadas com o ambiente estabelecido” (Rheingantz *et al.*, 2009, p.63).

A utilização de imagens, como apresentada em revistas diversas nas oficinas desta pesquisa, provoca uma reflexão dos participantes, além de facilitar para comparação e seleção das preferências.

No entanto, os autores acima sugerem que, para isso, as imagens necessitam ser selecionadas de maneira criteriosa, tendo em vista o objetivo final da pesquisa, pois apenas dessa forma, a técnica de descobrir e identificar problemas por parte do pesquisador será facilitado (Rheingantz *et al.*, 2009).

Sanoff (2001) refere-se a uma técnica muito eficaz para explicação de anotações avaliativas sobre as representações, além de possibilitar a identificação de valores, ideias, costumes e culturas. Partindo das diversas maneiras de expressões, Volochinov (2006); Bakhtin (2011), descrevem as “falas” e “observações” dos jovens com SD, em três oficinas, que pode sustentar conhecimentos básicos para a realização do estudo.

Na Tabela 2 apresenta-se uma sintetização do tema proposto, assim como os objetivos, dinâmicas e materiais utilizados nas oficinas. Cada oficina, foi registrada no diário de campo e

gravadas em um aparelho celular para auxiliar as transcrições.

Como sinaliza Glat (1989) na importância de atingir a transcrição das entrevistas em imediato, após a sua conclusão, para que os dados analisados através do estudo venham contribuir com informações salvas nos áudios.

Tabela 2 –

Dados gerais das oficinas

	Oficina – 1	Oficina – 2	Oficina – 3
Data	19. 09. 2018	28. 09. 2018	05. 09. 2018
Tema	- Apresentação e integração. - Você se acha bonito? - O que mais gosta em você?	- Compreensão sobre afeto. - Quem é o amigo/a. - O que gosta no amigo/a.	- Expressão de como é meu corpo? Feedback dos participantes
Objetivo	- Gerar harmonia no grupo. - Abordar a compreensão dos participantes em relação à autoimagem.	- Compreender as formas de relações de afeto dos participantes.	- Verificar quais conhecimentos os participantes possuem em relação a sua estrutura física e gênero.
Dinâmica	- Dinâmica de comunicação - Desenho e Diálogo	- Dinâmica de comunicação - Desenho e Diálogo	- Dinâmica de comunicação - Diálogo e Desenho
Material utilizado	- Revistas diversas, papel A4, lápis de cor e diário de campo.	- Revistas diversas, papel A4, lápis de cor e diário de campo.	- Revistas diversas, papel A4, lápis de cor e diário de campo.

Fonte: Criado pela pesquisadora

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO

Para analisar os dados, utilizou-se conjunto de técnicas de análise, como citado anteriormente, não apenas se tratando de um instrumento, mas de um leque de ferramentas, como um único instrumento, mas marcado por uma grande variedade de formas e adaptáveis a um campo de aplicação vasto (Bardin, 1977). O desenho se apresenta com um dos instrumentos de extrema importância para ser explorado durante o processo da pesquisa, proporcionando uma ótima estratégia para se trabalhar, de maneira lúdica com o tema.

A seguir serão apresentados os resultados das oficinas, a cada tema colocado no topo seguem-se as questões a estes relacionados, bem como as respostas mantidas nas formas como declaradas pelos participantes que estão apresentados com seus nomes fictícios sobre cada fala e seus respectivos desenhos. Todos os participantes apresentaram preferência em se expressarem, facilitando a pesquisadora analisar os conhecimentos de relações de afeto, sexualidade e diferenças/semelhanças anatômicas e fisiológicas entre sexo masculino e feminino conforme ilustrado nas Figuras. A organização dos temas apresentados em cada oficina deu-se a partir de proximidades temáticas ao afeto e a sexualidade.

4.1.1 Primeira oficina

Esse momento marca o início do estudo, justificando a necessidade de apresentação entre os jovens e a pesquisadora, pois, representa o primeiro contato entre todos. Foi explicado pela pesquisadora em linhas gerais a escolha da temática e as atividades que serão desenvolvidas nas oficinas, contribuindo para diminuição de possíveis resistências e, promover

o respeito no campo das relações, gerando um ambiente adequado para o estudo.

No momento do acolhimento explicou-se a importância de eles estarem ali participando das atividades, assegurando aos participantes que, sobre a mesa ao redor da qual todos estavam sentados, estavam dispostas as revistas diversas e materiais para que eles pudessem desenhar.

Ao final, terminamos dizendo para o grupo, se eles se achavam bonitos e o que mais gostavam em si. A abordagem deste tema buscou favorecer a assimilação do próprio corpo pelos jovens, assim como contribuir para o fortalecimento da autoestima e pela conquista de autonomia, dadas à importância do corpo na identidade pessoal.

O questionamento da imposição de certos padrões de beleza veiculados pela mídia, principalmente as relacionadas a propagandas contidas nas revistas, faz-se pertinente para a pesquisa.

- Tema: Você se acha bonito? O que mais gosta em você?

Mariana

Eu sô a mai minita. (sou a mais bonita)

Muito minita. (Muito bonita)

Oia meu tabelo ta liso na tapinha. (olha meu cabelo, está liso na chapinha)

Eu sô minita né! (Eu sou bonita né!)

Eu Gosto de tirá foto. (tirar foto)

Amu batom vemeio. (Amo batom vermelho)

Tomo banho. (tomo banho)

A Figura 1 exibiu o temário “autoestima”, que por meio dessa atividade evidencia-se

valores historicamente construídos e influenciados por fatores socioculturais, que são transmitidos e incorporados no contato com a família e amigos.



Figura 1. Representação do tema por Mariana.

A jovem valoriza seu cabelo liso de chapinha; chama a atenção, também a boca delimitada pelo batom vermelho, preferido dela.

Os progressos alcançados no desenvolvimento físico e motor das pessoas com Síndrome de Down, bem como as habilidades que conseguem adquirir também contribuem para a preservação da autoimagem e elevar a autoestima dessas pessoas (Schiavo, 1999).

Jordana

Sim, bonita. (sim, sou bonita)

Aqui é peta. (sobancelha preta)

Aqui bonito também. (Aqui é bonito também, apontando os seios)

Na Figura 2, a partir da representação de seus conhecimentos, diante de suas

impressões, sobre a abordagem fundamentando seu ponto de vista, Jordana reproduziu narrativa e representação com o desenho característico ao tema “autoestima”.



Figura 2. Representação do tema por Jordana.

Embora Jordana tenha considerado e mostrado os seios, como expressão de beleza no desenho, eles são interpretados como um auto-conhecimento ainda em construção, de um lado. De outro lado, a representação do desenho sugere um “modelo” típico de pessoas que passam muito tempo em instituições que não tem um modelo pedagógico adequado a essas diferenças.

Gabriel

Ropa bonita. (roupa bonita)

So forte. (sou forte)

Ao trabalhar a autopercepção do corpo, em uma dimensão afetiva, mediante a externalização das escolhas pessoais, Gabriel na Figura 3 relacionou padrões de beleza ao seu desenho. Gabriel se auto-relatou sorridente e a posição dos braços pareceu sugerir um

movimento de força.



Figura 3. Representação do tema por Gabriel.

Edilson

Não. (não), Não gosto. (não gosto)

Quero isso. (Queria ser assim)

No desenvolvimento desta atividade, pode ser observada através do relato do jovem a imagem que para ele condiz com padrões de beleza que gostaria de ter. Padrões esses que existem em outras culturas e aqueles com modelos criados pela mídia, demonstrando desejo em ter características físicas de um jovem exposto em uma das revistas (Figura 4).



Figura 4. Representação do tema por Edilson.

Outro aspecto relevante nesta análise é no que tange à autoestima demonstrada fragilizada e enfraquecida pelo jovem Edilson. Vale ressaltar que o conceito de autoestima diz respeito ao valor atribuído pelo jovem de si mesmo. Entende-se que, para haver um fortalecimento desta autoestima necessita de um reposicionamento na família, na escola e na sociedade.

4.1.2 Segunda oficina

Na segunda oficina deu-se uma abordagem com perspectiva de gênero nas relações, na vivência dos laços afetivos e da sexualidade, buscou-se expressões e mostras como ocorrem os relacionamentos trabalhando a autopercepção em uma dimensão afetiva, mediante a externalização das escolhas pessoais, promovendo a interação social. Cada um tem o seu jeito

próprio de viver e expressar sua afetividade e sexualidade, necessitando ser entendido e respeitado por todos.

- Tema: Quem é o amigo/a, o que gosta no amigo/a.

Mariana

Eu tenho amorado, é o chico. (Eu tenho namorado, é o Chico)

Ele tem baba de bode, eu vô casá de anel de dedo, brinco, vitido rosa e vô toma champanha.

(Ele tem barba de bode, eu vou casar com aliança dedo, brincos e vou tomar champagne) *Gosto de abraçá de beijá.* (gosto de abraçar e beijar)

Eu gostei do minino, eu gostei, oio veide, era Toinho. (Eu gostei do menino, eu gostei, olho verde, era o Antônio)

Ele me ama, queria amora comigo, fica comigo, me deu chocoate, bolo, pego na mia mão. (Ele me ama, queria namorar comigo, ficar comigo, me deu chocolate, bolo, pegou na minha mão)

Tia, ele impurrô eu. (Tia, ele me empurrou)

Mi bejo a boca. Ao fiquei bava, muito bava. (Me beijou na boca. Eu fiquei muito brava)

Não dexo não, a mãe não dexa! (não deixo não, a mãe não deixa!)

A Figura 5 propiciou uma reflexão sobre os sentimentos provocados pela mesma, e a necessidade de se atentar às atitudes tomadas relativas à sexualidade, quanto à educação sexual recebida pela família.



Figura 5. Representação do tema por Mariana.

Nesta representação, o desenho parece representar o sonho de casamento com vestido de noiva na cor rosa. As mãos do garoto no ombro aparentam representar quíça um momento mais intimista.

Jordana

Eu amo meu amigo. (Eu amo meu amigo)

A abordagem na perspectiva afetiva, conforme as representações de Jordana na Figura 6, o respeito aos seus sentimentos é a base para a possibilidade de um relacionamento enriquecedor com o outro.



Figura 6. Representação do tema por Jordana.

Pode-se perceber que a ênfase sugerida no desenho destaca os rostos sorridentes e as mãos dadas como representação do afeto.

A amizade exerce um papel muito importante para o desenvolvimento cognitivo e emocional de todos sendo um fator de apoio social, surtindo efeitos satisfatórios para a autoestima e para o bem estar. As amigas auxiliam no desenvolvimento afetivo, aumentando a qualidade com trabalhos em grupo, melhoria nas comunicações e a colaborações entre todos. “Para as pessoas com deficiência, além de todos os benefícios citados, também atua como inclusão social” (Garcia, 2002).

Gabriel

Eu namoro a tia Ana, mas a Jesga eu amo! (Eu namoro a tia Ana, mas a Jordana eu amo!)

Ela é linda. (Ela é linda)

Abordagem do tema para Gabriel na Figura 7, demonstrou as relações de afeto, vivência

da sexualidade, explicitando e buscando mostrar as formas de relacionamentos, demonstrando que cada um tem o seu jeito próprio de viver e expressar sua sexualidade.



Figura 7. Representação do tema por Gabriel.

O jovem demonstrou na imagem diante de duas falas, sentimento de afeto entre três pessoas, que por ele dito ser a pessoa ilustrada na cor verde e Ana a que esta mais distante e menor.

Maia (2011) explica a compreensão da autoestima na maneira pela qual as pessoas aceitam sua própria identidade, abrangendo neste contexto uma boa imagem do corpo e uma aceitação dos aspectos sociais e afetivos próprios a sua existência.

Edilson

Não tenho. (não tenho amigo)



Figura 8. Representação do tema por Edilson

A exposição de opinião representada pelo jovem Edilson quando disse não ter amigos contradiz sobre um mesmo fato, como apresentado através do desenho.

Edilson não demonstrou muito interesse pelo assunto, relatando em poucas palavras que ele no desenho esta representado o maior, na qual pode ser observado desproporção no tamanho das partes do corpo assim como a ausência de elementos essenciais como mãos e pés.

Parece haver uma contradição no que diz respeito à imagem, pois o discurso é um e a ação é outra. Porém, o carinho da família e das pessoas que o cercam representa o primeiro passo para inclusão de uma pessoa com deficiência. Sem o apoio de todos não há autoestima e sem autoestima os obstáculos podem parecer insuportáveis ao longo da vida.

4.1.3 Terceira oficina

Na terceira oficina apresentamos aos jovens algumas revistas, nas quais havia imagens representativas das transformações do corpo humano, relacionadas ao crescimento e desenvolvimento mas não incluía nudez ou sexo; contudo, eram imagens que proporcionassem compreensão sobre transformações ocorridas no início da adolescência evidenciando a diferença entre crianças, adolescentes, adultos, meninos e meninas na percepção das partes corporais e seus significados individuais, de forma a estimular a visão da diversidade.

Este encontro apresentou uma dimensão mais individual e intimista, na qual os olhares e atenções estavam voltados sobre si mesmo e sobre o próprio corpo.

Efetivamente não somos somente representações; somos um corpo orgânico e a condição sexuada cria impactos na construção da identidade e na subjetivação do sujeito. “O que expressa ser macho ou fêmea, masculino ou feminino, em contextos sociais e culturais diferentes, pode variar imensamente, e a identidade de gênero não é visivelmente redutível a qualquer dicotomia biológica subjacente” (LOURO, 2010, p. 96).

- Tema: Como é meu corpo?

Mariana

Ao trabalhar nesta oficina a questão de gênero, a participante Mariana construiu através do desenho a apreciável concepção sobre as características entre feminino e masculino, e também se posicionou relatando o desenho, configurar seus familiares (Figura 9).



Figura 9. Representação do tema por Mariana.

O desenho representa quais noções a jovem tem em relação às diferenças e semelhanças anatômicas e fisiológicas entre sexo masculino e feminino, tendo em vista uma ingenuidade com relação a demonstração deste conhecimento.

Isso denota que a participante entenda e reconheça como é o corpo bem como suas características, no entanto, possivelmente não possui um amadurecimento que permita melhor sua representação.

Jordana

A jovem se posicionou com desenho em relação ao tema ligado a gênero, demonstrando visivelmente ter percepções entre as diferenças.

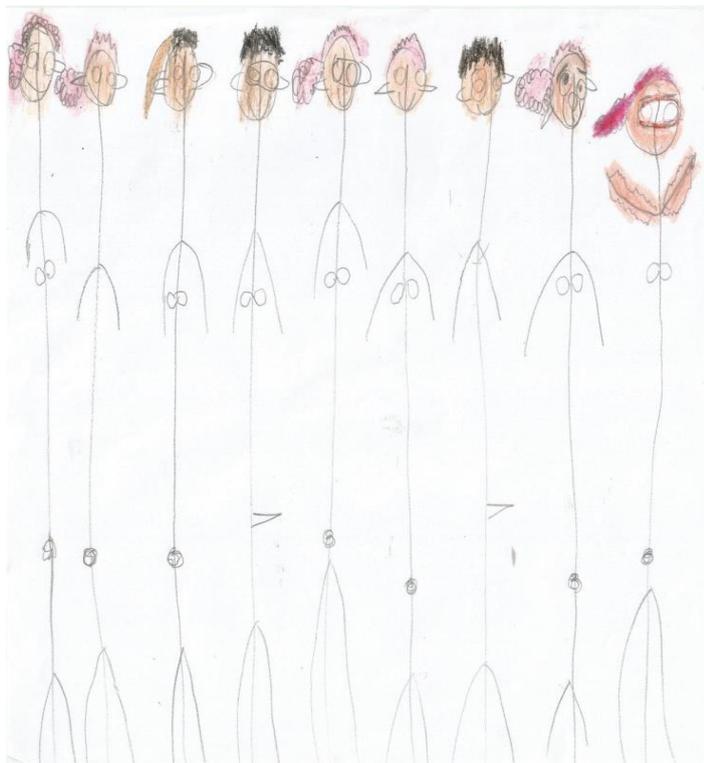


Figura 10. Representação do tema por Jordana

No desenho de Jordana, aparecem muitos bonecos idênticos e com configurações semelhantes, aparentemente bem complexo em relação ao esquema proposto nesta oficina.

Jordana reconhece seu desenho como figuras humanas e a diferenciação entre homem e mulher.

Gabriel

Representação do desenho sobre a temática de gênero por Gabriel (Figura 11).

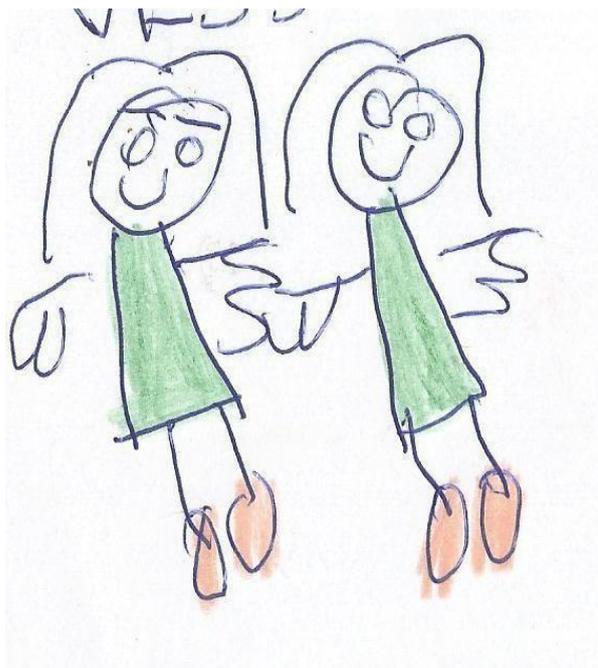


Figura 11. Representação do tema por Gabriel

Notamos que o jovem configura aspectos idênticos em seu desenho, representando da mesma forma o homem e a mulher. Esse fato se mostrou recorrente, contudo, muito bem expressivo em relação a autoestima demonstrado nos encontros.

Outro critério importante demarcado nos desenhos de Gabriel é assinar suas produções, que foi retirado do desenho para não expor seu nome real.

Edilson

Desenho representando pelo jovem Edilson (Figura 12).



Figura 12. Representação do tema por Edilson

Em relação ao desenho do jovem Edilson ilustrado na figura 12, pode-se concluir que apresenta em sua esquematização apenas algumas partes do corpo, porém com ausência de outras essenciais como mãos, demonstrando debilidade na imagem corporal.

Em suma, alguns fatores podem justificar o prejuízo nos desenhos realizados por Edilson em relação a esquema corporal.

4.2 PERCEPÇÕES SISTEMATIZADAS DAS OFICINAS

Durante a realização das oficinas, por se tratar de uma metodologia participativa, envolveu reflexões e emoções entre todos, em que a incorporação de valores oportunizou escolhas embasadas na melhoria da autoestima dos adolescentes com Síndrome de Down.

As oficinas apresentam características próprias, pois, puderam ser modificada no transcorrer de sua realização, buscando uma nova abordagem, novos conceitos ou interesses evidenciados, resultante das interações com os demais adolescentes.

Os adolescentes participaram da construção do conhecimento e elaboração de conceitos através dos desenhos. Entretanto um ponto deve ser observado no desenvolvimento das oficinas, sendo o pesquisador um mediador, que principalmente aprendeu a ouvir se privandose de comentários que pudessem influenciar na condução da pesquisa.

Os desenhos foram elaborados a partir de experiências de vida, da realidade de cada participante, não sendo considerados como erros ou acertos, pois não existe uma verdade única e inflexível.

Na realização das oficinas, foram abordados os temas que envolveram a sexualidade e afeto de jovens com Síndrome de Down, onde nestes encontros, foi relatado conhecimento e expressões de cada adolescente envolvido nesta pesquisa.

A cada questionamento propiciou-se um tempo para que os jovens entendessem e assimilassem o assunto proposto.

Inicialmente, alguns participantes apresentaram algumas dificuldades, porém a pesquisadora obteve sucesso através de conversas informais com o grupo.

Os participantes se mostraram desinibidos, falavam muito e ao mesmo tempo riam demonstrando estar bem à vontade aos encontros realizados nas oficinas. À medida que as respostas iam se aproximando de uma resposta de consenso, a pesquisadora registrava no diário

de campo, uma vez que não promoveu inferências nas respostas.

Por meio da fala dos jovens, foi possível observar que o pesquisa com oficinas, mesmo com algumas limitações, contribuiu para o desenvolvimento e aprimoramento das relações de afeto e na sexualidade, pois, por meio de simples questionamentos, comparações de opiniões, imagens e desenhos, estabeleceram uma relação direta entre todos, inclusive da pesquisadora sobre a vivência da própria sexualidade, que é historicamente construída e influenciada por valores éticos, morais e sociais e principalmente a dificuldade em trabalhar com questão complexas.

Nesta pesquisa, os jovens demonstraram cooperação, tolerância e respeito, tendo como um modelo de saber compartilhado.

Os conceitos alcançados através da construção de um saber individual e participativo, permitiram ao jovem, uma melhor visão sobre a própria sexualidade num contexto coletivo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como forma de resistência aos moldes mais tradicionais, esta pesquisa aparece como uma alternativa com a sugestão de oficinas temáticas sobre afeto, autoestima, gênero e sexualidade. Ao desenvolver a temática sobre afeto e sexualidade voltada para jovens com Síndrome de Down, destinou-se a garantir aos profissionais da educação subsídios para tratar de tais questões como um caminho profícuo. Um olhar sobre a sexualidade e a deficiência sempre esteve ligada a tabus, preconceitos e até mesmo a imoralidade, sendo a sexualidade dessas pessoas ignorada ou silenciada conforme literaturas.

Optou-se por desenvolver as oficinas com a temática afeto e sexualidade composta de apresentação meramente expositiva/ilustrativa, mas com garantia de trocas e superações partindo das próprias vivências dos jovens participantes. Torna-se fundamental percebermos que o espaço onde trabalhamos é, contudo, o espaço de socialização onde os conflitos e desigualdades podem ser superados na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

As oficinas não apresentaram “receitas prontas” ou “roteiros de soluções de problemas” sobre condutas, relações de afeto ou sexualidade; elas proporcionaram um espaço de possibilidades, onde o participante vivenciou e expressou seus sentimentos, que por sua vez, promoveu a valorização, a autoestima, o respeito a ele mesmo e ao outro, oferecendo a futuras pesquisas caminhos e opções que produzam melhorias e/ou mudanças em relação à sexualidade da pessoa com deficiência.

A análise efetuada sobre o desenvolvimento das oficinas, não conseguiu descrever e expor todos os acontecimentos ocorridos nas mesmas; limitando-se a apresentar alguns “fatos e falas”, mas que pudessem proporcionar ao leitor a identificação de algumas atitudes dentro do grupo e individualmente. Portanto, as oficinas foram apresentadas como um espaço de relato de experiências proporcionando aos participantes escolhas, elaboração na representação,

valorização de sentimentos coletivos e individuais, conseguindo demonstrar seus limites e possibilidades em relação à construção de valores e da própria sexualidade.

Neste sentido, a sexualidade humana por ser considerada como um processo em constante mudança e evolução, conclui-se que, a importância em proporcionar um espaço de construção coletiva para possíveis encaminhamentos e soluções, contudo, oferecer a oportunidade de expressarem atitudes, conceitos e aceitação, conduzindo mudanças necessárias em relação à sexualidade.

Assim, esta pesquisa passa a ser um tema de reflexão sobre a cidadania das pessoas com deficiência e dos aspectos que envolvem a valorização da afetividade e sexualidade humana.

REFERÊNCIAS

- Aberastury, A. (1982). *Psicanálise da Criança: teoria e técnica*. Porto Alegre: Artmed.
- Almeida, M. S. R. (2008). A expressão da sexualidade das pessoas com Síndrome de Down. *Revista Iberoamericana de Educación*. Ed. Organización de estados Iberoamericanos para la educación la ciência y la cultura. (OEI), 46(7), p.6.
- Almeida, P. A. P. F. P. C. (2009). *A educação sexual na deficiência mental*. Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti Pós-Graduação em Educação Especial. Trabalho de Projeto de Investigação, pp.03-05.
- Alves, Fatima. (2011). *Para entender Síndrome de Down*. Rio de Janeiro: Wak Ed.
- Amor Pan, J. R (2003). Afetividade e sexualidade na pessoa portadora de deficiência mental. (Gonçalves, M. S., trad.). São Paulo: Loyola.
- Aranha, M., & Maia, A. (2005). Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escolar. *Int. em Psicologia*, 1, pp.100–115.
- Assumpção FB Jr, Sprovieri MH. (1991). Introdução ao estudo da deficiência mental. São Paulo: Memnon.
- Bakhtin, M. (2011). *Gêneros do Discurso. Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra (6a ed.) São Paulo: Martins Fontes, pp. 261-306.
- Bastos, O. M., & Deslandes, S. F. (2005). Sexualidade e o adolescente com deficiência mental: uma revisão bibliográfica. *Ciência & Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 10(2), pp.389-397.

- Blacher, J. (2001). Transition to Adulthood: Mental Retardation, Families and Culture. *American Journal on Mental Retardation*; 106, pp.173-188.
- Brasil, Ministério da Educação. (2008). *Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva*. Brasília, DF: MEC
- Bussab, V. S. R., & Santos, A. K. (2009). Reflexões sobre a observação etnográfica: a cultura de pares em ação. In: Muller, F., & Carvalho, A. M. A. (Org.) *Teoria e prática na pesquisa com crianças: diálogos com William Corsaro*. São Paulo: Cortez. pp.100-113.
- Butler, J. (2017). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. (15a ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. p.14.
- Castelão, T. B. (2003). *Sexualidade da pessoa com Síndrome de Down*. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Gama Filho, SP.
- Castelão; Schiavo; Jurberg. (2003). Sexualidade da pessoa com síndrome de Down. *Revista de Saúde Pública* (versão on-line), n. 37, v.1.
- Checchia, A. K. A & Souza, M. P. R. (2003). Queixa escolar e atuação profissional: apontamentos para a formação de psicólogos. Em M. A. M. Antunes e M. E. M. Meira (Orgs.), *Psicologia escolar: teorias críticas* (pp.105-137). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dall'Alba, Lucena. (1992). *Sexualidade e deficiência mental: concepção do professor*, 1992. 70 p. Dissertação (Mestrado em Educação Especial). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP.
- Delalande, J. (2011). *As crianças na escola: pesquisas antropológicas*. In: Martins Filho, A.

- J., & Prado, P. D. (Org.). Das pesquisas com crianças à complexidade da infância. Campinas, SP: Autores Associados, pp.61-80.
- Denari, F. E. (1997). *O adolescente especial e a sexualidade: nem anjo, nem fera*. (Tese de doutorado). UFSCAR, São Carlos.
- Denari, F. E. (2002). Sexualidade & deficiência mental: reflexões sobre conceitos. *Revista Brasileira de Educação Especial*, 8, 9-14
- Denari, F. E. (2005). *Sobre deficiência mental e sexualidade: (des) construindo um modo de ser*. In: Lebedeff, T. B., & Pereira, I. L. S. (Org) Educação especial: olhares interdisciplinares. Passo Fundo: UPF, pp.210-226.
- Denari, F. E. (2006). *Um (novo) olhar sobre a formação do professor de educação especial: da segregação à inclusão*. In: David Rodrigues. (Org.). *Inclusão E Educação. Doze olhares sobre a educação inclusiva*. 1ª ed. São Paulo: Summus Editorial, p. 78.
- Faria, R. A. (2014) *Auto-representação de estudantes com deficiência intelectual: a imagem de si na escola pública regular em Goiânia*. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia.
- Florez, J., Garvia, B., & Fernandez-Olaria, R. (2015). *Síndrome de Down: neurobiologia, neuropsicologia, saúde mental. Bases para la intervención en el aprendizaje, la conducta y el bienestar mental*. Madrid: CEPE, Fundação Iberoamericana Down 21.
- França Ribeiro, H. C. (1995). *Orientação sexual e deficiência mental: estudos acerca da implementação de uma programação*. 1995. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Franco, J. R. (2012). *Sexualidade nas NEE – Trissomia 21: Perspectivas dos docentes do*

ensino regular do 1º, 2º e 3º ciclo. (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Educação Almeida Garret, Lisboa.

Foucault, M. (1988). *História da sexualidade: Vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, v. 1.

Garcia A. (2002) *Amizade, enfermidade e deficiência na infância e na adolescência*. *Pediatria Med.*; 38(9), pp.449-52.

Garcia, C. M. (Org.). (2018). *Juventude, gênero, sexualidade, família e escola*. Caderno FLACSO, Rio de Janeiro, 14, pp.84-86.

Glat, R (1989) *Somos iguais a vocês: Depoimentos de mulheres com deficiência mental*. Rio de Janeiro: Editora Agir.

Glat, R. A (1992) Sexualidade da pessoa com deficiência mental. *Revista Brasileira de Educação Especial*, São Carlos, v.1, n.1, pp.65-74.

Goffman, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Traduzido por Márcia Bandeira de Mello Leite. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

Goffman, E. (2008). *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC editora.

Hollerweger, S., & Catarina, M. B. S. (2014). A importância da família na aprendizagem da criança especial. *Revista de Educação do Ideau*. Uruguai. 09(19).

Kozma, C. (2007). O que é síndrome de Down? In: STRAY-GUNDERSEN, K. (Org.). *Crianças com Síndrome de Down: guia para pais e educadores*. Porto Alegre: Artmed, p.33.

Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. (2015). Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (*Estatuto da Pessoa com Deficiência*). Recuperado de www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm.

Lepri, C. (2006): *Fórum Internacional de Síndrome de Down*. Campinas.

Lima, A. C. D. R. (2016). *Síndrome de Down e as práticas pedagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Lopes, P. H. (2018). “*Eu posso ser mãe, sim*”: processos de significação acerca da gestação e da maternidade de mulheres com deficiência. (Dissertação de Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, Florianópolis.

Louro. G. L. (2010). Pedagogias da Sexualidade. In: *O corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. (3a ed.). Belo Horizonte: Autêntica Editora.

Luiz, and Kubo Percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente. *Rev. bras. educ. espec.* [online]. 2007, vol.13, n.2, pp.219-238.

Littig, P. M. C. B.; Cardia, D. R. Reis, L. B. E Ferrao, E. S. (2012). Sexualidade na deficiência intelectual: uma análise das percepções de mães de adolescentes especiais. *Rev. bras. educ. espec.* 18(3), pp.469-486.

Maia, A. C. B. (2006). *Sexualidade e deficiências*. São Paulo: Unesp.

Maia, A. C. B. (2011). *Inclusão e sexualidade: Na voz de pessoas com deficiência física*. Curitiba: Juruá, p.186.

Maia, A. C. B. (2016). Vivência da sexualidade a partir do relato de pessoas com deficiência intelectual. *Psicologia em Estudo*, v. 21, n. 1, pp.70-89.

Maia, A. C. B., & Ribeiro, P. R. M. (2009). *Orientação Sexual e síndrome de Down*:

esclarecimentos para educadores. Bauru: Joarte Gráfica e Editora.

Maia, A. C. B; & Ribeiro, P. R. M. (2010). Desfazendo mitos para minimizar o preconceito sobre a sexualidade de pessoas com deficiências. Desfazendo mitos sobre a sexualidade e deficiências. *Revista Brasileira*. 16(2), pp.160-175.

Maia, A.C.B; Vilaça, T. (2017). Concepções de professores sobre a sexualidade de alunos e a sua formação em educação inclusiva. *Revista Educação Especial*, Santa Maria,. v.30 (59), p. 669-680.

Maia, A.C.B.; Reis-Yamauti, V.L.; Schiavo, R.A.; Capellini, V.L.M.F. & Valle, T.G.M. (2015). Opinião de professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual. *Revista de Educação Especial*, Santa Maria, v. 32, n.3, pp.427-435.

Mandu, E. N. T. (2001). Adolescência: saúde, sexualidade e reprodução, In Associação Brasileira de Enfermagem (Org.). *Adolescer, compreender, atuar, acolher*. Ministério da Saúde, Brasília, pp.61-74.

Mannocci, F. (2017). Educação em sexualidade e a pessoa com deficiência. *Revista Educação*, UN Guarulhos, 12(1), p.83.

Martins Filho, A. J., & Prado, P. D. (Org.) (2011). *Das pesquisas com crianças à complexidade da infância*. (1a. ed.) Campinas: Autores Associados.

Martins Filho, A. J. (2011). *Jeitos de ser criança: balanço de uma década de pesquisas com crianças apresentadas da Anped*. In: Martins Filho, A. J., & Prado, P. D. (Org.). *Das pesquisas com crianças à complexidade da infância*. Campinas, SP: Autores Associados, pp.80-107.

- MEC. INEP. *LDBEN 9394/96* que estabelece as Diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, 1996.
- Minto, E. C., Pedro, C. P. Netto, J. R. C., Bugliani, M. A. P., Gorayeb, R. Ensino De Habilidades De Vida Na Escola: Uma Experiência Com Adolescentes. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 11, n. 3, set./dez. 2006.
- Morales, A. S., & Batista, C. G. (2010). Compreensão da sexualidade por jovens com diagnóstico de deficiência intelectual, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(2), pp.235-244.
- Mustacchi, Z., & Salmona, P. (2009). Síndrome de Down. In: Mustacchi, Z. *Guia do bebê com Síndrome de Down*. São Paulo: Companhia Editora Nacional – Associação mais 1, pp.12-20.
- Oliveira, E. L (2016). “Pô, tô vivo, véio!”: História de vida e sexualidade de pessoas com deficiências físicas, São Carlos: Ufscar.
- Oliveira, A.F.T.M; Araujo, C.M. (2018). “Mamãe é down”: a sexualidade da pessoa com deficiência na trama discursiva da Revista Época. *Revista Educação Especial*, Santa Maria, Periódico, v. 31 n. 60 pp.215-228.
- Pimentel, S. C. (2012). *Conviver com a Síndrome de Down em Escola Inclusiva: mediação pedagógica e formação de conceitos*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Pueschel, S. (2019). Síndrome de Down – Guia para pais e educadores. Campinas: Papirus, 2003. Queiroz, Virginia Magliano. (2019) *Qualidade espacial para pessoas com deficiência intelectual: Investigando modos de obter a opinião de crianças pequenas com Síndrome de Down*. Tecnologia da Arquitetura USP. (Tese de Doutorado).

- Rheingantz, P. A.; Azevedo, G.; Brasileiro, A.; Alcantara, D.; Queiroz, M. (2009) *Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação*. Rio de Janeiro: FAU-UFRJ (Coleção PROARQ).
- Ribas, João Baptista Cintra. (1997). *As pessoas portadoras de deficiências na sociedade Brasileira*. Brasília, DF: CORDE.
- Ribeiro, P. R. M. (2005). A sexualidade também tem história: Comportamentos e atitudes sexuais através dos tempos. In: Maia, A. C. B., & Maia, A. F. (Orgs.), *Sexualidade e infância* (Cadernos CECEMCA; pp. 17-32).
- Ribeiro, P. R. M. (2009). A institucionalização dos saberes acerca da sexualidade humana e da educação sexual no Brasil. In: Figueiró, M. N. D. *Educação Sexual: múltiplos temas, compromisso comum*. Londrina: UEL.
- Ribeiro, H. C. (2012). *A Sexualidade e pessoas com deficiência intelectual: dos mitos às reflexões*. In: Oliveira, A. A. (Coord.). Referencial sobre Avaliação da Aprendizagem na área da Deficiência Intelectual do Ciclo II do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos. São Paulo, Secretaria Municipal de Educação, pp.33-48.
- Ribeiro, L. (2013). *Escola, Família e Educação na Sexualidade*. (Dissertação de mestrado) Escola Superior de Educação Almeida Garret. Recuperado de <http://recil.grupolusofona.pt>.
- Saad, S. N. Preparando o caminho da inclusão: dissolvendo mitos e preconceitos em relação à pessoa com Síndrome de Down. *Rev. Bras. Ed. Esp*, v.9, n.1, pp.57-78, 2003.
- Sanoff, H. (2001). *School Building Assessment Methods*. Washington, DC: National Clearinghouse for Educational Facilities.

- Santos, M. W. B. dos, Osório, A. C. do N. (2010). Saber e prática na constituição da sexualidade da pessoa com deficiência mental. *Revista Educação Especial* 23 (36). pp.117-130.
- Schiavo, M. R. (1999). *Síndrome de Down: perfil das percepções sobre as pessoas com síndrome de Down e do seu atendimento*. Brasília.
- Schiavon, D. M. N. (2018). “Não deficientize minha sexualidade”: *Repensando a sexualidade de pessoas com deficiência intelectual por meio de oficinas pedagógicas*. (Dissertação de Mestrado) Universidade Estadual Paulista. Recuperado de http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/educacao_sexual/4530.pdf
- Secretaria de Educação Fundamental. (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais*. Brasília: MECSEF.
- Silva, A. (2013). *Atitudes Face à Sexualidade na Deficiência Intelectual - Importância da Formação em Educação Sexual*. (Dissertação de mestrado). Recuperado de <https://sapientia.ualg.pt>.
- Sfair, S., Bittar, M., & Lopes, R. (2015). “Educação sexual para adolescentes e jovens: mapeando proposições oficiais”. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, 24(2), pp.619-631.
- Souza, C. J., Denari, F. E., & Costa, M. P. R. (2017). O discurso das pessoas com deficiência física sobre a própria sexualidade. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, 12(4), pp.2177-2192.
- Temple, G. C. (2010). *A escrita na perspectiva histórico-cultural: metodologia etnográfica de pesquisa*. In: SOUSA, Marilene Proença Rebello (Org.). *Ouvindo crianças na escola: abordagens qualitativas e desafios metodológicos para a psicologia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, pp.228- 257.

- Teodoro, G.; Inácia, J.; "Representações sociais acerca da sexualidade de pessoas com síndrome de Down", p. 73-78 . In: Anais do VIII Semana de Ciências Sociais UNIFESP - Educação com o Recorte de Combate às Opressões [=Blucher Social Science Proceedings, v.2, n.1].. São Paulo: Blucher, 2016.
- Tiburi, M. (2017). Aula como experiência revolucionária: o esvaziamento da profissão de professor é consequência inevitável da desvalorização do trabalho educacional. *Revista Brasileira de Cultura*, 228(20), pp.10-11.
- UNESCO (2010). *Orientação Técnica Internacional sobre Educação em Sexualidade: Uma abordagem baseada em evidências para escolas, professores e educadores em saúde*. Razões em favor da educação em sexualidade Brasília: UNESCO.
- UNESCO. (2014). *Orientações técnicas de educação em sexualidade para o cenário brasileiro: tópicos e objetivos de aprendizagem*. Brasília: UNESCO.
- Uziel, A. P. (2011). Diversidade sexual, democracia e promoção de direitos. In: Conselho Federal De Psicologia (Org.). *Psicologia e diversidade sexual: desafios para uma sociedade de direitos*. Brasília: CFP, p.15.
- Vieira, M. C. (2014). Atitudes sociais em relação à inclusão: efeitos da capacitação de professores para ministrar programa informativo aos alunos. São Paulo. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.
- Vieira, R. V. (2015). *Sexualidade na Adolescência: Implementação de um Programa de Orientação para Alunos com Déficit Intelectual*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Fernando Pessoa. Recuperado de bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/4770/1/1.%20TESE%20RITA%20VIEIRA.pdf

Weeks, J. (2010). *Corpo e a Sexualidade in O corpo educado: pedagogias da sexualidade*.
Autêntica Editora.

Wusthof, Roberto. (1994). *Descobrir o sexo*. São Paulo: Editora Ática.

ANEXO

ANEXO A – Resumos dos artigos apresentados nos quadros introdutórios

SEXUALIDADE & DEFICIÊNCIAMENTAL: REFLEXÕES SOBRE CONCEITOS

DENARI, Fátima Elisabeth

O presente texto pretende instigar à reflexão sobre temas delicados, polêmicos e, quase sempre, permeados por entendimentos calcados em preconceito: sexualidade e deficiência mental, notadamente no que se reporta a um dos períodos do desenvolvimento humano – a adolescência. Para tanto, discute os temas a partir do espectro da literatura especializada e de relatos de pesquisas, com base no entendimento de que a deficiência mental não é um impeditivo à manifestação da sexualidade; e que esta, para além da genitalidade, implica formas de sentir, pensar e agir, típicas da pessoa interagindo na sociedade e imprimindo a ela uma marca.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade; deficiência mental; adolescência.

SEXUALIDADE DA PESSOA COM SÍNDROME DE DOWN

CASTELAO, Talita Borges; SCHIAVO, Márcio Ruiz, JURBERG, Pedro.

Analisar as opiniões de pais e profissionais sobre a sexualidade de pessoas com Síndrome de Down (SD) e identificar como essas pessoas percebem a própria sexualidade. A pesquisa utiliza análises quantitativa e qualitativa. Foram aplicados 809 questionários aos pais e aos profissionais (348). Foram realizados 12 grupos focais, com pais, profissionais e pessoas com SD. Foi realizado o teste qui-quadrado para análise das questões formuladas. Os pais tratam os filhos num padrão infantil de comportamento, pois temem assumir as conseqüências de um relacionamento sexual que pode resultar numa gravidez com risco de reincidência da síndrome. Os profissionais sentem-se despreparados para orientar sexualmente a pessoa com SD e harmonizar as atitudes dos pais aos desejos sexuais dos filhos. A sexualidade das pessoas com SD estrutura-se como nos demais seres humanos, embora seja vivenciada com restrições percebidas por elas mesmas a depender do contexto social no qual estão inseridas.

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome de Down; Sexualidade; Percepção; Pais; Grupos de estudo; Questionários; Grupos focais.

PERCEPÇÕES DE JOVENS COM SÍNDROME DE DOWN SOBRE RELACIONAR-SE AMOROSAMENTE

LUIZ, Elaine Cristina; KUBO, Olga Mitsue

O objetivo do trabalho foi descobrir quais as percepções de jovens com Síndrome de Down sobre relacionar-se amorosamente. Para isso, duas mulheres e três homens com Síndrome de Down, com idade entre 18 e 28 anos, foram entrevistados individualmente. As verbalizações desses jovens sobre o que é apaixonar-se e o que sentem um pelo outro se referiram a comportamentos que expressavam cuidados com (a) namorado (a), e a sentimentos como ânimo e paixão. Em relação ao que verbalizam sobre o que é uma pessoa atraente, houve ênfase em aspectos físicos e comportamentais. Uma jovem afirmou ter relações sexuais com o namorado e descreveu com minúcia a experiência e cuidados tomados para isso. Outros dois jovens consideraram a possibilidade de ter relações sexuais mais tarde, embora já namorassem há algum tempo. Uma adolescente indicou como necessário para ter relação sexual a interdependência do casal e a prevenção da gravidez. Os resultados possibilitam concluir que as percepções que jovens com Síndrome de Down têm sobre relacionamentos amorosos não diferem daquelas de jovens sem síndrome e, muito provavelmente, são desenvolvidas pelas oportunidades de se comportarem efetivamente sob contingências que favoreçam comportamentos amorosos.

PALAVRAS-CHAVE: comportamento amoroso; sexualidade; Síndrome de Down; educação especial.

SEXUALIDADE NA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL: UMA ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DE MÃES DE ADOLESCENTES ESPECIAIS

LITTIG, Patrícia Mattos Caldeira Brant; CÁRDIA, Daphne Rajab; REIS, Luciana Bicalho Reis; FERRÃO, Erika da Silva.

Adolescência é a fase transitória entre infância e idade adulta, momento importante do desenvolvimento humano, marcado por mudanças físicas, psicológicas e sociais relativas ao

início da sexualidade. Este momento geralmente é conturbado e o poderá ser ainda mais para adolescentes com deficiência intelectual (DI) por confrontar com preconceitos e mistificações estabelecidas há tempos. A maneira infantilizante e discriminatória de serem tratados pela família e sociedade influenciam as percepções das mães de filhos com DI. Assim, objetivando investigar as concepções que mães de jovens com DI têm sobre a sexualidade deles e como elas irão refletir na adoção de práticas de educação sexual, foram entrevistadas 20 mães de adolescentes entre 12 a 18 anos, de ambos os sexos, com diagnóstico de DI, atendidos numa clínica escola localizada no estado do Espírito Santo. Analisando as entrevistas, percebeu-se em 12 respostas, a ideia de ausência de sexualidade na pessoa com DI, trazendo uma postura infantilizadora e superprotetora dessas mães em relação aos filhos, considerando-os com pouca possibilidade de desenvolver interesses e comportamentos sexuais. Quanto às concepções das mães nas manifestações sexuais de seus filhos, 15 delas revelaram entender que a sexualidade deles é diferente da de pessoas sem deficiência intelectual. Percebeu-se que 12 das 20 mães nunca orientaram seus filhos sexualmente, alegando que não compreenderiam. Em geral, as mães não reconhecem uma identidade sexual em seus filhos e, por conseguinte, não fornecem uma educação sexual, reproduzindo a concepção social e cultural que nega a existência da sexualidade quando associada à DI.

PALAVRAS-CHAVE: Educação especial. Deficiência Intelectual. Sexualidade. Educação Sexual.

OPINIÃO DE PROFESSORES SOBRE A SEXUALIDADE E A EDUCAÇÃO SEXUAL DE ALUNOS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; REIS-YAMAUTI, Verônica Lima; SCHIAVO, Rafaela de Almeida; CAPELLINI, Vera Lúcia Messias Fialho; VALLE, Tânia Gracy Martins.

Este estudo descritivo investigou, por meio de um questionário para análise quanti-qualitativa, a opinião de 451 professores sobre a sexualidade e a educação sexual de alunos com deficiência intelectual. A maioria (94,2%) percebe a sexualidade de seus alunos com deficiência intelectual, identificando o desejo de namorar (38,3%), a ocorrência de perguntas (35,8%), de jogos sexuais e masturbação (19,6%) e comportamentos inadequados (6,3%); diante disso, têm sentimentos positivos (37,5%) e negativos (53,8%). Embora acreditem que podem contribuir para a educação sexual de seus alunos (87,8%), os participantes consideram necessário um

preparo pessoal e profissional (39,9%), bem como o apoio da escola e da família (24,4%). Assim, conclui-se ser preciso investir na formação continuada em educação sexual para os professores que atuam nas escolas inclusivas.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência intelectual; Educação à distância; Formação de professores; Sexualidade

SABER E PRÁTICA NA CONSTITUIÇÃO DA SEXUALIDADE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA MENTAL

SANTOS, Myrna Wolf Brachmann dos, OSÓRIO, Antônio Carlos do Nascimento.

Partindo dos resultados da análise de dez relatórios de pesquisa, e tendo por fundamentação teórica os estudos de Michel Foucault, este texto tem como objetivo evidenciar a relação existente entre a produção do saber e as práticas cotidianas que se estabelecem no meio social. É parte do relatório de dissertação que analisou produções acadêmicas cujo tema é a sexualidade da pessoa com deficiência mental relacionando-as a um projeto de orientação sexual desenvolvido com jovens com deficiência mental. Nessa associação é possível identificar concepções de sexualidade e deficiência mental apresentadas por um viés biologicista condicionando a proposição de uma orientação sexual tida como “antídoto” para o problema das manifestações de sexualidade desses sujeitos. Isso leva à necessidade de atenção e reflexão em relação às verdades veiculadas na produção acadêmica e coloca desafios à produção de novas perspectivas e de novas práticas que produzam outras verdades sobre a sexualidade e sobre a sexualidade da pessoa com deficiência mental.

PALAVRAS-CHAVE: Sexualidade. Pessoa com deficiência mental. Orientação sexual.

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS ACERCA DA SEXUALIDADE DE PESSOAS COM SÍNDROME DE DOWN

TEODORO, Gleiciane; INÁCIA, Jéssica;

A Síndrome de Down é caracterizada por um grau variável de atraso no desenvolvimento mental e motor. Assim a SD, não é uma doença e não deve ser tratada como tal, pois não há

uma cura. O médico inglês John Langdon Down, em 1866, identificou alguns sinais físicos semelhantes em um grupo de pessoas com deficiência mental. Então, a “Síndrome de Down é um conjunto de estigmas físicos, causados por uma alteração genética, e que tem seu nome em homenagem ao primeiro médico que a descreveu”. (NAHAS, 2004, pg.55) Pensar a sexualidade de pessoas com SD é propor um desafio para a desconstrução de preconceitos e estigmas. Geralmente, tem-se a percepção de que indivíduos com SD possuem um maior libido sexual e são ativos sexualmente, ou que simplesmente são assexuados.

PALAVRAS-CHAVE: Síndrome de Down, sexualidade, representações sociais

CONCEPÇÕES DE PROFESSORES SOBRE A SEXUALIDADE DE ALUNOS E A SUA FORMAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA

MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi, VILAÇA, Teresa.

A educação sexual no contexto da escola é um processo importante que deve ser realizado pelos professores para todos os alunos. O objetivo desta revisão de literatura foi o de analisar as concepções de professores sobre a sexualidade de alunos com deficiência intelectual. Os artigos foram localizados em bases de dados na área da Educação e, a partir de critérios de exclusão, elegeram-se 83 artigos para análise de conteúdo. Encontraram-se as seguintes categorias: “educação sexual” (n=22); “aspectos da sexualidade de pessoas com deficiências” (n=28); “questões teóricas” (n=6); e “profissionais e familiares” (n=27). Esta última categoria foi desmembrada em: “concepções de professores” (n=7); “concepções de profissionais da saúde/cuidadores” (n=6), “concepções e expectativas de adultos que convivem com pessoas com deficiência” (n=9); e “implementação de programas de educação sexual” (n=5). Nos sete artigos sobre as concepções dos professores, estes reconhecem que os alunos com deficiência intelectual são seres sexuais e têm manifestações sexuais na escola; compreendem essa sexualidade como “exagerada” e consideram que eles não entendem as informações recebidas. Os professores são favoráveis à educação sexual na escola. Mas, há aqueles que não consideram que esse seja o seu papel e outros que poderiam contribuir, apesar de necessitarem de preparação pessoal, formação continuada, materiais específicos e apoio da família. Estes resultados contribuem para o planejamento de cursos de formação de professores, visando o desenvolvimento de atitudes positivas: segurança no conhecimento científico, postura acolhedora, disponibilidade, respeito e tolerância, dentre outras, favorecendo a implementação

da educação sexual na escola inclusiva.

PALAVRAS-CHAVE: Concepções de professores; Educação Sexual; Deficiência Intelectual; Formação de Professores.

“MAMÃE É DOWN”: A SEXUALIDADE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA NA TRAMA DISCURSIVA DA REVISTA ÉPOCA

OLIVEIRA, Ana Flávia Teodoro de Mendonça, ARAÚJO, Clarissa Martins

Este artigo analisa um artefato cultural midiático que produz narrativas sobre a pessoa com deficiência e sua sexualidade, como observado na reportagem *Mamãe é Down*, produzida pela revista *Época*. Com base na perspectiva pós-estruturalista dos Estudos Culturais e nos estudos foucaultianos, o objetivo é analisar a representação cultural da deficiência e identificar os estereótipos e as essencializações existentes no discurso sobre esses sujeitos. Os resultados indicam que as narrativas sobre a deficiência se articulam com um aparato conceitual, advindo de um saber médico, constituindo uma ideia de deficiência intimamente relacionada à questão biológica. Assim, apresentam-se as causas, o diagnóstico e os possíveis tratamentos oferecidos a esses sujeitos. Nesse jogo de forças, se por um lado os discursos produzem a ideia de uma sexualidade atrelada aos aspectos biológicos, por outro, produzem também a representação cultural de que as pessoas com deficiência podem usufruir de sua sexualidade, de uma vida a dois e da experiência da maternidade.

PALAVRAS-CHAVE: Deficiência; Representação Cultural; Estereótipo